CÂNDIDO



25

AGOSTO 2013 www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Conto inédito de Rubem **Fonseca** O Brasil segundo a literatura nacional Críticos e acadêmicos apontam os livros de ficção que ajudaram a conceber a identidade brasileira

EDITORIAL

sta 25^a edição marca os dois anos do **Cândi**do. Desde agosto de 2011, o jornal se mantém firme em um cenário inóspito para impressos. Ao mesmo tempo em que a mídia tradicional reduz seus canais de difusão de cultura, com o fechamento de diversos suplementos culturais, o Cândido continua a difundir um nicho do saber a literatura — que muitos acreditam ser irrisório no país. Não é. Os 10 mil exemplares do jornal editado pela Biblioteca Pública do Paraná, assim como outros periódicos paranaenses em atividade, demonstram que a literatura tem público. Distribuído em todas as bibliotecas do Estado, nos Faróis do Saber e casas de Leitura de Curitiba, em museus, livrarias, cafés e cinemas, o Cândido tem levado a milhares de pessoas informações sobre o presente e o passado da rica literatura brasileira. Além de difundir a produção atual de escritores brasileiros. Em dois anos, foram mais de 80 inéditos, entre contos, poemas e trechos de romances publicados pelo **Cândido**.

A partir desta edição, o periódico também passa a ser distribuído em todas as escolas de ensino médio do Paraná, em uma parceria entre a BPP e a Secretaria de Estado da Educação (SEED).

Como forma de celebrar os dois anos do **Cândido**, esta edição traz um ensaio exclusivo do professor e escritor Paulo Venturelli, que repassa mais de um século de literatura no Paraná, da segunda metade do século XIX, quando o Estado finalmente se emancipa, até os novíssimos tempos, em que se verifica uma efervescência literária bastante grande. O especial sobre a literatura paranaense se completa com uma matéria sobre a tradição editorial de Curitiba.

Já o especial de capa traz textos que debatem a forma como a literatura se apropria da realidade. Especialistas e críticos revelam quais são os livros de ficção que explicariam o Brasil. Nesse debate, que envolveu críticos como Noemi Jaffe e Luís Augusto Fischer, o nome de Machado de Assis reverbera como um escritor cuja obra dialoga com seu tempo sem que isso tenha prejudicado sua ficção. Machado, assim como Graciliano Ramos, seriam escritores de livros que se tornaram fundamentais por dissecar a realidade, incorporando-a em suas obras, mas também oferecendo novas visões para o leitor dessa mesma realidade. A partir dessa discussão, a edição traz livros de ficção que, voluntariamente ou não, ficaram marcados pela gênese sociológica.

Boa leitura.

DOIS ANOS DE CÂNDIDO

















































EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**







Governador do Estado do Paraná: Beto Richa Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy Estagiárias: Thais Reis Oliveira e Mellissa Saldanha

Fotografia:

Kraw Penas e Guilherme Pupo

Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

Colaboradores desta edição:

André Dahmer, André Ducci, Antonio Cescatto, Franco Caldas Fuchs, Guilherme Caldas, Homero Gomes, José Luís Jobim, Paulo Venturelli, Rafael Campos Rocha, Renato Faccini, Rubem Fonseca e Theo Szczepanski.

Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br — (41) 3221-4974 www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901| Curitiba – PR | Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Oficina de Crônica com Antônio Torres

Um dos nomes mais expressivos da literatura brasileira contemporânea, o escritor e jornalista baiano Antônio Torres ministra curso sobre crônica entre 13 e 15 de agosto. Para participar, é preciso enviar um breve currículo e uma crônica de até duas laudas para o email oficina@bpp.pr.gov.br, até o dia 5 deste mês. Autor de mais de 15 livros, Torres tem percorrido o Brasil para ministrar concorridos cursos sobre os mais

diversos gêneros literários. O escritor é vencedor de prêmios como o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, o Zaffari & Bourbon, da Jornada Literária de Passo Fundo (RS), e o Prêmio Jabuti de Romance, em 2007. Também foi condecorado pelo governo francês com o título de "Chevalier des Arts et des Lettres" e tem seus livros publicados em 11 países.

Cândido nas escolas

A partir de agosto as escolas públicas estaduais paranaenses passam a receber exemplares do **Cândido**. O acordo entre a Biblioteca Pública do Paraná e a Secretaria de Estado da Educação (SEED) vai viabilizar cerca de dois mil exemplares do jornal a escolas do ensino médio. "O Cândido já estava disponível em todas as bibliotecas do Estado, nas casas de leitura de Curitiba e nos Faróis do Saber. Agora, com essa parceria, um público importante passa a ter acesso ao conteúdo do jornal", diz Rogério Pereira, diretor da BPP.

Aventuras Teatrais

No dia 14, o projeto *Aventuras Teatrais* recebe o espetáculo infantil 'Histórias que vêm debaixo da cama', do grupo Um coletivo de mães. A peça fala sobre a complexidade das relações familiares no mundo atual de forma divertida, representando diversos tipos de mães e filhos. No palco, as atrizes Mariana Zanette e Ludmila Nascarella mudam de personagens, interagem com a plateia, cantam e dançam. O evento acontece às 15h, no Auditório Paul Garfunkel. Mais informações na Seção Infantil pelo telefone 3221-4980.



Litercultura

Entre 16 e 18 de agosto acontece em Curitiba o Festival Litercultura. O escritor argentino Alberto Manguel faz a conferência de abertura do evento, cujo título é "Falando sobre o paraíso: pode a literatura nos ajudar a construir um mundo melhor?". Também está confirmada a participação do angolano Gonçalo M. Tavares, que fala sobre "O Bairro e o reino, o mal e a ficção" no dia 17, além de comandar oficina de criação literária ao longo dos três dias de evento. Entre os autores paranaenses, estão confirmadas as presenças de Miguel Sanches Neto, Luís Henrique Pellanda, Christian Schwartz e Rogério Pereira. A programação completa está acessível no site do evento: www. litercultura.com.br.

Festival de Música e Poesia de Paranavaí

Estão abertas até 25 de agosto as inscrições para o 48º Festival de Música e Poesia de Paranavaí (Femup), promovido pela Fundação Cultural do município. O evento acontece nos dias 22 e 23 de novembro e vai premiar 44 trabalhos, nas categorias conto, música e poesia. A comissão julgadora do festival vai selecionar 24 músicas, 12 poemas e 8 contos. Os artistas escolhidos na fase nacional receberão R\$ 1,5 mil, troféu, dez antologias e três CDs do Femup. Mais informações pelo telefone (44) 3902-1128.



UM ESCRITOR_{na} BIBLIOTECA

Bernardo Carvalho



m dos mais destacados romancistas da literatura brasileira contemporânea, Bernardo Carvalho também é um leitor com trajetória bastante peculiar. Convidado da quarta edição do projeto "Um Escritor na Biblioteca" em 2013, Carvalho revelou que leu pouco na infância e que só se interessou por literatura após os 20 anos. "Fui uma criança inculta". Isso, no entanto, não prejudicou a sua trajetória futura, toda ligada às letras, primeiro como jornalista, depois como escritor. Nascido no Rio de Janeiro em 1960 e radicado em São Paulo, quando mais jovem, Bernardo pensou em ser cineasta. Editor do caderno de resenhas e ensaios "Folhetim", do jornal Folha de S. Paulo, Carvalho também atuou como correspondente em Paris e Nova York. Em 1993 começou a publicar como ficcionista com as histórias de Aberração. Dois anos mais tarde lançou Onze, seu primeiro romance, seguido de Os bêbados e os sonâmbulos. Em 2002, surge Nove noites, que é seu livro de maior alcance popular. Seu romance mais recente é O filho da mãe, de 2009, resultado de uma viagem do escritor à Rússia. Previsto para setembro, o novo livro de Carvalho, segundo o autor, surgiu da vontade de fazer um romance cujos personagens fossem todos idiotas. "Eu queria que esses personagens, todos eles, fossem como esses caras que fazem comentários na internet, que querem se expressar, gente que tem ideia sobre tudo", disse o escritor ao jornalista e tradutor Christian Schwartz, que mediou o papo. Além do novo livro, Carvalho também falou sobre a ressonância — ou falta dela — da literatura brasileira no exterior e de como concebe a estrutura singular de seus romances.

Bibliotecas

Tenho até um pouco de vergonha de dizer que não fui um frequentador de bibliotecas. Não frequentei nenhuma. E é estranho, porque já estive em universidades nos Estados Unidos, onde há bibliotecas sensacionais. Sei que existem bibliotecas lindas. Em Berlim, por exemplo, tem uma sensacional, que aparece no filme Asas do desejo [longa do alemão Wim Wenders]. Fiquei um ano lá e daria tudo para ter ido trabalhar nessa biblioteca, mas não fui. Não conseguiria trabalhar naquela biblioteca, mesmo sendo maravilhosa.

Formação como leitor

Minha formação também é um pouco estranha, porque na infância eu não lia muito. Nem na infância, nem na adolescência. Lia muito pouco, queria é fazer cinema, ter uma relação com a narrativa, mas por meio da imagem, como acontece hoje, onde as pessoas leem menos e tem maior relação com o visual. Eu me encaminhava para esse lado. Mas, não sei por que, de repente comecei a ler muito, pois sou um cara muito obsessivo. Lembro da primeira viagem que fiz à França, por exemplo. Voltei com uma mala de livros que pesava cinquenta quilos. Era uma coisa obsessiva, eu queria voltar com muitos livros. Tive, então, uma formação um pouco particular em relação à literatura.

Casa dos pais

Minha mãe lia muito em inglês e tinha um repertório que era mais pesado. Ela lia ficção científica e romance policial. Sou filho único, meus pais são separados e vivi a vida inteira com minha mãe. Então, ela lia, se entusiasmava e, por não ter ninguém para contar essas histórias, contava para mim. Passei minha infância inteira ouvindo histórias de ficção científica e romances policiais, o que eu achava incrível. Porém, não os lia. Quando cheguei na idade de ler esses livros,

UM ESCRITOR. BIBLIOTECA

comecei a procurar os títulos que ela me contava, mas confesso que nunca consegui passar da primeira página de nenhum livro de ficção científica ou romance policial. São dois tipos de romances que realmente não gosto de ler, porém, adoro ouvir. Na infância, tive uma formação oral com essa literatura popular, com uma literatura mais vulgar.

Primeiros livros

O primeiro livro que lembro ter lido foi o Robinson Crusoé, publicado na coleção do Monteiro Lobato em uma versão mais abreviada, para criança, o que foi importantíssimo. Li muito Monteiro Lobato quando fui pegando gosto pela leitura. No colégio em que eu estudava, era realizada uma espécie de feira do livro, onde as editoras iam para dentro da escola, armavam as barracas e a gente recebia uma mesada de nossos pais para gastar em livros lá. E mesmo como uma forma de consumismo, era uma delícia, eu comprava muita história em quadrinho. A literatura brasileira li quando era mais adolescente. Li também romances ingleses de aventura, [Robert Louis] Stevenson, [Joseph] Conrad e por aí. Comecei a ler com mais maturidade depois dos vinte anos. Fui uma criança e um adolescente inculto. Eu montava a cavalo para competir, saltar, ia à escola no período da manhã e era um ignorante, passava as tardes treinando meu cavalo para poder participar das competições no final de semana, então não lia muita coisa. Depois que saí dessas competições, comecei a querer fazer cinema, foi quando comecei a ler um pouco mais.

Livros em casa

Tenho uma biblioteca imensa, até mesmo por efeito da profissão, uma vez que já fui crítico literário em alguns jornais, comprava os livros que queria e recebia uns que nem sempre queria ter em casa. Aí começou a acumular e hoje

minha casa é uma montanha de livros. Quero me livrar disso, esvaziar a casa e não ter mais livro nenhum. Na mesa, no sofá, em qualquer canto tem livro, não tem um lugar onde não tenha livro. Para mim, isso virou meio que um pesadelo, como se os livros tivessem invadido a casa, sem deixar espaço para eu sentar, comer, etc.

Militante da ficção

Sou um militante da ficção. É o que me dá um sentido diferente de vida. Posso dizer que quase existo pela ficção. Ao mesmo tempo, acho que há um movimento natural do mundo que está fazendo com que as pessoas percam o interesse pela ficção. As pessoas estão tendo cada vez mais coragem de declarar que não leem mais ficção, que leem ensaios, por exemplo. Apesar disso, tenho uma militância contra esse movimento natural do mundo em preferir ensaios à ficção. Naturalmente, nos últimos anos, tomei mais gosto pelos ensaios, embora eu ache isso horrível, não queria que fosse assim. Acredito que a ficção demande um esforço e, sobretudo, uma espécie de pacto entre leitor e história, que é um pacto que foi meio deixado de lado depois de tanto sermos envolvidos por uma tradição realista. Mesmo a própria ficção, a gente tende a lê-la de uma forma mais realista.

Memória

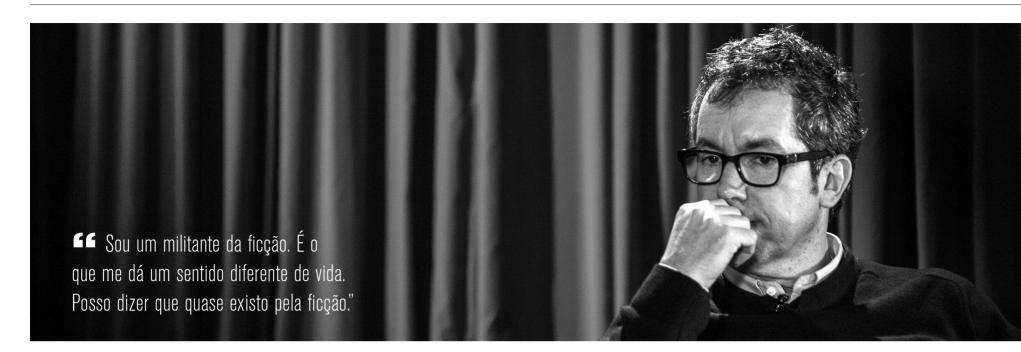
Ano passado, li uma declaração do Lobo Antunes [escritor português] muito estranha, em que dizia que os cientistas tinham descoberto, o que ele sempre soube: que não existe imaginação, somente memória. E, sinceramente, fiquei muito bravo com essa frase, porque é óbvio que na idade dele só existe memória. Mas eu, por exemplo, tenho dificuldade com a memória. E, para mim, a coisa da imaginação pode ser uma ilusão, uma memória distorcida, mas ainda assim a imaginação é



fundamental. Por isso tenho essa militância com a ficção também. Para mim, seria melhor se só existisse imaginação e que a memória fosse um eufemismo para imaginação, enfim, o contrário do que disse o Lobo Antunes. Agora, apesar disso, ainda considero que não exista imaginação sem experiência, isso é óbvio: você só imagina porque vive, tem experiências, não é um negócio que se tira da manga do casaco.

Nove noites

Nove noites é um livro que traz uma história de bastidor muito grande, porque na verdade acaba sendo uma parte do romance o bastidor dele mesmo. Nessa experiência da construção do romance, teve uma pesquisa, uma obsessão muito grande por um personagem,



que é o personagem suicida real, um antropólogo americano que se matou aos vinte e poucos anos entre os índios aqui no Brasil. É curioso porque antes desse livro, eu tinha escrito o que chamam de trinca, que são três dos meus livros que se assemelham muito estrutural e formalmente [Teatro, As iniciais e Medo de Sade]. Mas chegou uma hora que eu queria me livrar daquilo, então resolvi fazer um livro de contos. Apresentei-o para o editor achando que estava me libertando dos livros anteriores. O editor, no entanto, me ligou uns três meses depois dizendo que o livro era péssimo, que não só era péssimo, como repetia tudo o que eu tinha feito nos romances anteriores, mas piorado. Foi aí que entrei em uma puta depressão e comecei a criar essa obsessão por alguma coisa que eu não sabia o que era, foi quando apareceu o pretexto do Nove noites em uma notícia de jornal.

Pesquisa

Iniciei a pesquisa sobre o antropólogo americano e comecei a me interessar muito por esse cara. Queria chegar a uma solução para o suicídio dele. Mas chegou um momento em que saquei que não tinha solução pos-

sível diante da pesquisa, da investigação. A solução que poderia existir era somente através da ficção, pela imaginação. Nessa hora me lembrei que não estava fazendo um livro de pesquisa ou de jornalismo, esse argumento do Nove noites era para que eu voltasse para o meio da literatura, não me encaminhasse para o jornalismo ou antropologia. Então percebi que a solução do livro era a imaginação e, sabendo disso, incorporei um pouco da minha autobiografia. Nunca tinha pensado que esse romance poderia ser uma combinação entre a pesquisa da morte do antropólogo com minha autobiografia. E o mais curioso é que a autobiografia surge justamente na hora que lembro que quero fazer ficção, é como se a memória e a autobiografia, na verdade, fossem imaginação desde sempre, porque quando quis a solução da imaginação, o que veio foi a autobiografia.

Em busca do antropólogo

Quando comecei a pesquisa para Nove noites, encontrei o diário de campo do antropólogo. Ele era um cara muito ambicioso, arrogante, uma pessoa considerada genial, um jovem muito promissor na Universidade de Columbia, em Nova York, que foi mandado para o Brasil em um acordo que a faculdade tinha com o país. Ele queria se inserir no meio intelectual antropológico como um grande estudioso, capaz de descobrir e vivenciar uma situação única aqui, fazendo um trabalho muito original com os índios brasileiros. Mas para isso ele tinha que estudar índios que fossem inacessíveis, que ninguém nunca tivesse estudado, se estivessem em vias de extinção, melhor ainda. Ele sabia exatamente o que queria. O que aconteceu foi que ele chegou ao Brasil no período do Estado Novo, onde havia uma desconfiança muito grande em relação aos estrangeiros. O Estado achava que os estrangeiros iam roubar a riqueza nacional, o tesouro nacional, o que incluía os índios e os artefatos indígenas. Então todo cientista estrangeiro era obrigado a ser acompanhado por um cientista local, era necessário ter uma autorização. Esse antropólogo veio para fazer uma pesquisa que imaginava ser inédita, mas não conseguiu a autorização e ficou desesperado. Afinal, era o projeto indo por água abaixo. Ele resolveu ir por conta própria, contra tudo e contra todos, mas no meio desse caminho totalmente inacessível, acabou adoecendo. Mesmo

assim chegou à tribo e permaneceu lá durante seis meses, até alguém ser mandado pelo Estado para retirá-lo de lá e levá-lo para o Rio de Janeiro.

Diário

Foi nesse período que o antropólogo escreveu um diário, um diário recheado de medo, mas que é lindo, porque a etnia que ele acompanhou estava desaparecendo, os índios sabiam que iam desaparecer. Essa etnia onde o antropólogo foi, já havia conquistado muitas terras, mas naquela época se encontrava em derrocada. Eles continuavam com aquele espírito bélico, uns com os outros, mas estavam cercados de etnias inimigas. Então, quando a pessoa acordava gritando de um pesadelo, a tribo inteira permanecia acordada sentindo pavor e vivendo aquele pesadelo como se fosse realidade, como se estivessem sendo invadidos. Quando comecei a ler aquilo, achei realmente muito bonito, é uma espécie de experiência delirante, uma experiência do medo. Como eu estava obcecado em saber o que tinha levado esse sujeito a se matar, o que infelizmente é impossível de descobrir, pensei que só poderia descobrir isso se sentisse o mesmo



UM ESCRITOR. BIBLIOTECA

medo que ele sentiu. Ele foi obrigado a voltar para o Rio de Janeiro, então o projeto dele fracassou, porque, sozinho no Rio, não tinha mais nada o que fazer no Brasil. Como compensação, propuseram que ele fosse estudar uma outra etnia, que era os Krahôs. Mas ele odiava essa tribo, uma vez que eram índios aculturados, que já tinham bastante contato com os brancos, que muita gente já tinha estudado. Então seis meses depois ele acabou se matando.

Bernardo com os Krahôs

Pintou uma oportunidade para que eu fosse ficar com os krahôs, viver um pouco no lugar que o antropólogo tinha se matado, no lugar em que ele havia passado os últimos meses. Coloquei na minha cabeça que só vivendo a experiência do medo que ele tinha vivido, poderia entender o que teria levado o cara à morte. Só que não tinha razão para eu ter medo, porque tudo era bem tranquilo. Cheguei nessa tribo e de fato comecei a sentir um negócio paranoico, comecei a achar que tinha uma conspiração contra mim, que todo mundo na tribo sabia disso, menos eu, e que havia algo planejado contra mim. De fato alguma coisa estava sendo planejada, eu não era totalmente tonto, mas fiquei muito paranoico. Aquilo começou a criar uma situação insustentável. Mas, no final das contas, eles só queriam me batizar, era um negócio do bem, eles só queriam que eu fizesse parte da tribo, da família deles. Mas, para mim, foi uma sensação de medo absoluto, grotesco, porque ainda era cômico. Esse sentimento funcionou bem na escrita do *Nove noites*. A partir daí, como uma espécie de mecanismo literário, comecei a usar isso como método para conseguir escrever romances. Então, eu vou para os lugares e neles distorço completamente a realidade, mas de fato acredito naquela distorção, e passo a viver uma situação de pânico absoluto. Isso Passei minha infância inteira ouvindo histórias de ficção científica e romances policiais, o que eu achava incrível."

me leva a ter um sentido da realidade totalmente descolado da verdade, que me permite escrever uma ficção original, mas que no fundo é particular.

Fotos nos livros

No Nove noites não me lembro exatamente como foi tomada a decisão, mas eu tentei, no início, dizer que era uma montagem, que aquela foto era falsa. No entanto, ao longo do tempo acabei cedendo e confessando que era uma foto da minha infância. Essa foto, inclusive, virou a capa do livro na França. Na edição portuguesa, ilustra a contracapa. Nos livros eu sempre quis manter uma ambiguidade entre o que era fato e o que era ficção, sempre tentei recusar essa ideia de que o livro era autobiografia, sempre tentei dizer que tudo era inventado, mesmo as coisas que eram reais. Mas essa foto, acho que para além disso, tem uma coisa muito específica que é incrível, pois é uma foto de um índio todo paramentado para uma festa no Xingu, de mão dada com uma criança, que sou eu, aos seis anos. Já a foto do Mongólia foi um pouco por inércia, não sei se foi um erro colocá-la. Mas é uma imagem de viajante. O livro é uma espécie de paródia, então ele é escrito como se fosse um relato de viagem, mas não deixa de ser uma ficção, até delirante, afinal as coisas não são realmente assim na Mongólia.

Relação com a crítica

É uma relação difícil, porque você pode começar a gostar muito dos elogios, por exemplo. Você acaba ficando muito alegre com os elogios e desesperado com os ataques. Eu acho que criei mesmo uma relação mais distante da crítica. Se leio, tento não me envolver, nem para o bem, nem para o mal. Quer dizer, se falam bem, tento não ficar tão entusiasmado, sabendo que aquilo ali também é somente um ponto de vista. Se falam mal, a mesma coisa. Tenho um exemplo interessante em relação a esse assunto. Quando saiu na Alemanha O sol se põe em São Paulo eu estava na Chapada da Diamantina. Naquela semana havia saído uma matéria em um dos dois melhores jornais alemães, um ano depois do livro ter sido publicado. Um amigo me mandou a matéria. Linda, foto enorme, mas como eu não lia alemão, meu amigo ficou de enviar no dia seguinte a tradução dela. Durante um dia fiquei numa felicidade incrível, até que chegou a tradução. E o sujeito, basicamente, dizia que não existe escritor mais medíocre do que eu. Foi uma crítica tão horrível, que não deu nem para ficar chateado, foi realmente devastador, do tipo "nunca mais escreva na sua vida". E de fato a crítica era: "Esse cara não pode escrever, um cara como esse não pode existir". E aí você faz o quê? Eu existo, escrevo desse jeito, provavelmente vou continuar escrevendo desse jeito.

Do outro lado do balção

E tem uma outra coisa, já fiz muita crítica. É lógico que existe boa crítica, mas tem uma coisa da literatura que é interessante: há livros que te deixam louco, para o bem e para o mal. E isso por razões que não estão no livro, que estão em você. Isso acontece com

todo crítico e com qualquer leitor. Eu, por exemplo, já destruí livros porque eles me deixaram loucos. Sei que não deveria tê-los destruído, porque essa loucura não tem nada a ver com os livros em si, mas sim comigo. É muito difícil você distinguir essa coisa, distinguir que aquele livro não é para você e que seu ataque não é objetivo. Porque nunca é, na verdade. Considero que tem muita crítica que diz mais sobre o crítico do que sobre o livro, e isso não é um bom trabalho. E infelizmente é muito difícil separar uma coisa da outra. Nada me garante que com esse livro que vou publicar agora, não vou ser destruído de novo. É claro que tem uma expectativa em relação a isso, mas tento fazer dela a menor possível. É um mecanismo de defesa até para que eu continue escrevendo.

O elogio do Franzen

Em relação ao [Jonathan] Franzen, foi muito bacana um escritor conhecido e popular como é ele, parar para ler livros de escritores que têm menos popularidade. O mercado anglo-saxão é um mundo muito fechado, muito impermeável para a literatura estrangeira. Então, acho que tem uma militância dele também em relação à literatura estrangeira, de dar uma declaração no jornal falando de algum autor brasileiro, recomendando-o. É uma forma de mostrar, dentro desse mundo anglo--saxão, que há vida literária fora dessas fronteiras e que se pode perder coisas boas por causa desse desprezo.

Receptividade no exterior

Agora o Brasil vai ser o país homenageado da Feira de Frankfurt. Lembro quando começou a organização e todo o entusiasmo. E lembro de pensar o quanto as pessoas não tinham noção do desinteresse do mundo pela literatura brasileira hoje. O Brasil é considerado, no exterior, um lugar não literário. A



O jornalista e tradutor Christian Schwartz e o escritor Bernardo Carvalho durante o bate-papo

Argentina, por exemplo, é considerada um país literário. Tem um preconceito aí. O que sai do Brasil, se não se enquadrar em determinados clichês, em determinadas imagens pré-determinadas, é muito difícil que tenha alguma ressonância do lado de fora. E conforme os caras da organização foram montando tudo, foram vendo que o negócio não é bem assim, que a coisa é difícil. Fiquei um ano na Alemanha, com uma bolsa muito importante, e percebi claramente a falta de interesse, pelo menos pela literatura que eu faço, por parte dos alemães. Na França tem uma grande receptividade com a literatura estrangeira, na Alemanha também, mas ainda passa por um negócio político, um certo primarismo, uma coisa da identidade, de representação de questões políticas muito primárias e que refletem uma relação muito paternalista da Alemanha em relação ao terceiro mundo. É um negócio cheio de preconceitos ali, mas ainda é um país onde se publica literatura estrangeira. Porém, o interesse do público é pequeno. O que faz um autor ser lido na Europa e EUA é a importância geopolítica que o país de origem desse escritor tem no momento. Por exemplo, se hoje eu sou um cara do Oriente Médio, da China, do Japão, imediatamente vou despertar mais interesse em um público leitor alemão do que se venho do Brasil. Para os alemães, a literatura brasileira era mais interessante enquanto o Brasil vivia uma ditadura, porque era uma literatura de resistência, uma literatura que estava sendo massacrada e que ainda assim sobrevivia. Hoje não. O Brasil faz uma literatura que não tem nada demais, que não tem nada que desperte esse interesse jornalístico e internacional.

Traduções

Acho que tenho muita sorte de ser publicado fora, a maioria dos meus livros foi muito bem recebida pela crítica. Na França, vendo relativamente bem como estrangeiro. Mas acho que é um negócio super limitado. Quer dizer, você ter sido traduzido em mais de dez idiomas não quer dizer que você é conhecido internacionalmente.

Primeira pessoa

Eu sempre achei que escrever em primeira pessoa é muito mais difícil. Em terceira pessoa eu tinha uma facilidade que me causava certo constrangimento. É uma convenção tão artificial, que acho que não tenho coragem de fazer aquilo naturalmente. Então, sempre vou para primeira pessoa, pois acho que criei uma espécie de camada, um filtro que mostra que tenho um entendimento daquela realidade, um entendimento mais mediado, não imediato. E a terceira pessoa me parece que é uma espécie de realismo imediato, naturalista quase. Acho, claro, que não há regras, cada um faz o que quiser, tudo é bom e tudo é ruim. Mas, o que aconteceu em O Filho da mãe, é que foi uma encomenda de um produtor de cinema. A ideia dele, que mandou 17 escritores para cidades dos quatro cantos do mundo para escrever um livro, uma história de amor, era recuperar o dinheiro investido vendendo esses livros para o cinema. Então, quando fui escrever esse romance, sabia que potencialmente esse negócio poderia se transformar em um filme, e isso me deu uma liberdade, uma falta de pudor de escrever na terceira pessoa como um roteiro. Então o livro é escrito como uma paródia de um roteiro de cinema. É escrito no presente e em terceira pessoa. E esse negócio me deu uma liberdade incrível, achei muito fácil escrever em terceira pessoa.

Novo romance

Tive que rescrevê-lo [o novo romance] muitas vezes, porque queria que os personagens fossem todos do mal e muito burros, mais ou menos o modelo dos comentaristas de internet. Eu queria que os personagens, todos eles, fossem como esses caras que fazem comentários na internet, que querem se expressar, gente que tem ideia sobre tudo, que são super orgulhosos com as próprias opiniões. Queria fazer um livro que só tivesse personagens assim, que todos fossem uns idiotas. E comecei a fazer. Ia tendo ideias e escrevendo de forma fragmentada. Não tinha uma continuidade, fui escrevendo diversos blocos. O que aconteceu é que, no final, tive que dar linearidade para esse texto, tinha muita redundância, repetição, o que tornou o trabalho um inferno, pois primeiro tinha que dar uma unidade para esse discurso, depois cortar.

A literatura paranaense

O escritor e professor de literatura da Universidade Federal do Paraná (UFPR) **Paulo Venturelli** faz uma análise da manifestação literária no Paraná, citando os principais autores e obras

xiste uma literatura paranaense ou o mais apropriado é pensarmos em literatura no Paraná? Se recorrermos a Antonio Candido, ele indica que para haver uma literatura ela precisa ter "tendências universalistas e particularistas." O mesmo crítico distingue manifestações literárias de literatura "propriamente dita, considerada aqui como sistema de obras ligadas por denominadores comuns." Tanto no passado, como no presente, existe tal sistema aqui? E que denominadores comuns haveria entre os escritores de ontem e os de hoje?

Outro dado que o mesmo crítico nos propõe: a existência de um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de públicos; um mecanismo transmissor (uma linguagem traduzida em estilos), que liga uns a outros. Quanto ao conjunto de produtores, não há dúvida que o temos. Haja vista o bom número de escritores que produzem por aqui. Mas há um conjunto de receptores? Para pensarmos num dado concreto: a escola paranaense estuda nossos autores, como acontece, por exemplo, no Rio Grande do Sul? Ou simplesmente se submete ao esquema viciado das editoras (do mercado) que impinge certo número de escritores, sem a mínima preocupação com o rótulo de "paranaense"?

Para Antonio Candido, a literatura como sistema precisa de uma "interpretação das diferentes esferas da realidade." Nossos autores têm em sua bagagem esta preocupação de olhar para nossa realidade, de procurar de um jeito ou de outro, pelo viés estético, interpretar quem somos, o que fazemos? Quando Curitiba ou outra cidade aparece como cenário, ela não passa disto, pano de fundo, sem que as sondas do autor penetrem nas camadas mais fundas da(s) cidade(s), não havendo intenção em trazer à tona as feições mais contraditórias do que nos constitui? Só para ficarmos num patamar visível: o que se escreve por estes recantos é essencialmente urbano, centrado no homem branco e burguês e em suas idiossincrasias. Onde está o campo? o negro? o gay? e o caldeirão de misturas étnicas que é um traço de nosso povo?

Antonio Candido afirma que "sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização" e "sob a perspectiva histórica" é necessário "um sistema articulado", "conjuntos orgânicos", "expressão da realidade local." Em nosso meio literário, existiria tal sistema articulado? Procurando bem, que pontos de contato há entre os diversos autores de nosso Estado que possuem uma produção constante ou sazonal, criando aquele "conjunto de obras" a que o crítico se refere, não bastando para tanto, haver apenas certo número de escritores?

Nesta toada, por que e para que ser *paranaense*? Seria mesquinho demais para nossas cabeças coroadas. Estar no Paraná é apenas uma contingência, quando os olhos se voltam para os amplos horizontes do mundo, lá querendo chegar com uma literatura universalista e nunca particularista, o que seria um demérito que fatalmente levaria para um regionalismo que sequer faz sentido hoje em dia. Por outro lado, poderíamos ser paranaenses sem o ranço do regional, assim como os gaúchos são gaúchos e os nordestinos, com marcas específicas que os engrandecem e não os diminuem no cenário nacional?

Marco-zero

Quase sem dúvida, podemos dizer que o primeiro grande passo de nossa literatura está em Newton Sampaio (1913-1938). Morto em plena juventude, aos 24 anos, ele nos deixou uma obra pequena, mas de fôlego potente. No romance, nos legou Trapo, do qual publicou alguns trechos em periódicos da época e Dor, que ficou incompleto, sendo estampado no Correio dos Ferroviários. Tem também duas novelas, mas o marco principal de seus escritos está no conto, podendo ser considerado, entre nós, o precursor do conto urbano. E neste gênero, se destacam Irmandade (1938) e Contos do sertão paranaense (1939).

Irmandade, sendo uma obra-prima, é impactante. Os contos têm ação rarefeita, lidam com gente do interior e apresentam aquilo que podemos chamar de estética da secura, pela redução ao mínimo do que ele escreve. Há personagens com pretensas obras passadas, porém, estão presos a um presente sufocante e sempre adiando um sonho de realização para um futuro que nunca vem. "Cântico", que é um poema em prosa de feição lírica, tem este efeito

quebrado quando o narrador retoma a palavra e diz que o texto saiu um tanto "bolchevista" e, andando pela cidade, cria chaves poéticas para o que vê. Na narrativa "Castigo", com um acento um tanto expressionista, encontramos um pai de vistas nubladas, alimentando desejos incestuosos pela sua filha, numa Sexta-feira Santa. Religiosidade e luxúria se irmanam num olhar que já perdeu o contorno das coisas.

De um modo geral, a ação dos diversos contos não desliza pelas páginas. Ela é dada em pequenos tópicos-relâmpagos, numa técnica de dizer o mínimo e nas entrelinhas o não-dito tem uma funcionalidade excepcional, em contos que são analógicos.

No subterrâneo das vidas o não-ser, a agonia, a promiscuidade do cotidiano, até a luz sombria de "Inspiração", um conto metalinguístico, em que Damião escreve, discute o seu texto e o uso adequado ou não do pleonasmo. A senha do mundo é o mundo suburbano e não seria exagero lançar pontes entre Newton Sampaio e Lúcio Cardoso. E, numa visada atrevida, este *Irmandade*, deve ter tido um impacto no primeiro Dalton Trevisan.

Um porto chamado Joaquim

Sem dúvida alguma, o segundo grande passo para a consolidação de nossa literatura é a revista *Joaquim* (1945-48). No seu primeiro número, traz o "Manifesto para não ser lido", formado por citações que vão de Rilke a Verlaine. Um artigo sobre Poty, com autorretrato do artista. Alguns "Apontamentos para uma entrevista sobre teatro". O poema "O Desespero da piedade", de Vinicius de Morais. "Eucaris a dos olhos doces", conto de Dalton e o

primeiro trecho de um artigo de Erasmo Piloto sobre Tólstoi, entre outros.

Antes de Joaquim houve o que se pode chamar de geração romântica em que se destacam Fernando Amaro e Júlia da Costa, com seus dois livros: Flores dispersas (1967) e Bouquet de violetas (1868). Repudiada por seu marido, sofreu de demência no final da vida, vindo a falecer em 1911.

Dalton, Snege: mestres

Autor de extensa obra, Dalton Trevisan trabalha com personagens que, digamos assim, estão a um grau zero da sexualidade, sobre a qual parece não incidir nenhum tipo de injunção social. São puro instinto, arrastados pela pulsão do gozo. Por outro lado, surgem os papéis sexuais, impulsionados pela teatralidade social. Entre um polo e outro, o sexo é apenas sexo, não gera nem plenitude, nem o absoluto, sendo que João e Maria, longe do exercício do encontro como complementação e implemento de vida, caem numa épica trivial de personagens que só encontram o vazio. Ou como diz Carlos Heitor Cony: "Dalton Trevisan não usa a literatura para salvar ou acusar o homem, apenas para aproximá-lo de nossa retina, mostrá-lo a nós mesmos, e através de diferentes planos, através de diferentes retratos, constatarmos que somos iguais a ele". Na obra de Dalton, Eros anda à solta. Em Cemitério de elefantes, "está traçada (...) toda a problemática de tabus, amor e morte, toda a economia de sexo e violência que será recorrentemente retomada. Castrações e traumas, que permeiam o universo criado, estão em Cemitério de elefantes ainda latentes e a fala dos recalques que aflora é, sobretudo constituída pela violência. O discurso da perversão, dos comportamentos sexualmente desviantes, será mais explorado (...) em outros livros."

Jamil Snege é outro destaque de primeira linha em nossa literatura. Dono de uma prosa lírico-irônica, Jamil é um dínamo de inovação, fazendo de sua prosa uma explosão e implosão de gêneros. Com uma obra não muito numerosa, o que nos deixou marca pela inventividade, pelos recursos surpreendentes de uma prosa inovadora, inquieta, insubmissa aos cânones, sempre a apontar novos caminhos. Destacamos Como eu se fiz por si mesmo, suas "memórias", em que passa a limpo o percurso de sua vida, gargalhando, com aquele humor ferino que sempre o marcou. O insólito é seu campo de experimentação, predominando o absurdo em seus contos "em que as leis da física são rompidas". Escrevendo com uma tintura simbólica, mergulha nas contradições e conflitos de nosso histrionismo cotidiano. Com um olho aceso no homem comum, desveste-o de suas ilusões, e marca com ferro em brasa o real cartesiano e traz outra dimensão para o mundo em que habitamos, enredados em nossas máscaras que ele desfaz com precisão cirúrgica.

Tezza, Gomes e Bueno

Em O filho eterno, Cristovão Tezza, debruçado sobre uma experiência pessoal, a recria pelo humor e por traços irônicos, enquanto, ao mesmo tempo se pergunta sobre o porquê da série de "fatos" que narra. O romance não deixa de ser uma reflexão sobre os inesperados da vida. Com uma obra já consolidada, que não precisa provar mais nada a ninguém, ultrapassando as fronteiras do Estado e a dicção provinciana/pessoal da "primeira fase" (até Juliano Pavollini), o autor trabalha com elegância e sutileza sua linguagem em romances centrados em figuras de intelectuais descentrados, em que a angústia pelo seu destino e sua prática existencial são a tônica.

Outro autor que tem uma obra consolidada é Roberto Gomes. Desde a temática dos anos 1960 de Antes que o teto desabe, passando por questões políti-



ENSAIO

co-sociais, como em Os dias do demônio, dando atenção ao mundo perdido da infância: Todas as casas, Roberto Gomes ainda se firma na sátira ao mundo acadêmico: Alegres memórias de um cadáver.

Também merece atenção especial Wilson Bueno. Certamente é aquele que, entre nós, atingiu a mais alta voltagem estética, já que manipula uma inovadora poética romanesca, capaz de apontar novos caminhos para este gênero, diluindo conceitos e trazendo à luz obras que, como *Mar paraguayo*, enaltecem a arte de escrever com seu arrojo do novíssimo. Com uma obra marcante desde Bolero's Bar, até o póstumo Mano, a noite está velha, Wilson Bueno sempre mostrou-se inquieto e inventivo na busca de novos caminhos para a narrativa. Insuflando-lhe um espírito inovador, este escriba vai de encontro aos profetas que a todo momento aparecem decretando o fim do romance ou o fim da literatura.

Campana, Leminski e Luci

Gostaríamos de destacar também Fábio Campana, em especial o seu O guardador de fantasmas. Neste romance, o autor faz um mergulho no projeto revolucionário que não desfez o oco interior do personagem. O susto de acordar pela manhã estatelado de incompletude, os atritos abrindo covas de insatisfação. O sexo triste de quem busca complementação e encontra apenas a mecânica fisiológica dos sentidos. Massacrado pelo pai, massacrado pela ditadura, o personagem anda zonzo por um terreno turvo. Na cena da tortura, o autor consegue uma objetividade, uma frieza de quem demonstra o fato, sem envolver-se com ele. É como se o narrador se afastasse do que apresenta, lavando as mãos, não por covardia, mas por absoluta necessidade de, revelando as peças de um jogo maldito, deixar ao leitor a tarefa de colocar ali toda a carga significativa da própria cena.

Paulo Leminski. O artista com as garras enterradas no barro de todas as latitudes para dali tirar um modelo adequado ao seu dizer. Poeta, romancista, tradutor, ensaísta. Sempre polêmico. Mesmo após sua morte, a herança que nos deixou continua a provocar fissuras, como comprova a recentíssima publicação de Toda poesia que voltou a levantar a voz do coro dos descontentes. Inquieto, renovador, desmontou o cânone (por isto encontra tantos rivais) e, de Bashô a Mishima, criou sua dicção própria, usando filosofemas orientais e ironizando todos os medalhões. Nunca foi um conformista. Trilhou também nos ensaios um caminho muito pessoal e nele imprimiu o gosto próprio de mexer nas vacas sagradas para mostrar que trazia um pensamento renovador, em especial para a literatura.

Luci Collin é uma escritora em busca de inovações. Sob o influxo de Gertrud Stein, procura novas formulações para o conto, tanto que consta da antologia 25 mulheres de estão fazendo a nova literatura brasileira, organizada por Luiz Ruffato e publicada pela Record em 2004. Collin também se dedica à tradução. Nesta área, traduziu a inclassificável poeta irlandesa Eiléan Ní Chuilleanáin que implode nosso conceito de poesia. Traduzindo, também se destaca o trabalho que fez com e.e.cummings, vertendo para o português A cela enorme, livro publicado pela Editora da UFPR e único trabalho em prosa deste poeta mirabolante.

Nos contos, nada de enredo, de digressões, de descrições. Seja em Precioso impreciso ou Inescritos, Luci Collin leva ao máximo a imprecisão e, ao mesmo tempo, tem algo do noveau roman francês: uma câmera captando objetivamente o mundo, sem se deter em coisa alguma, sem buscar a essência do que seja. Como vivemos num enorme shopping center, os narradores vão-nos mostrando um empilhamento de pequenos fatos e cenas, por trás das quais temos de adivinhar o que está sendo descrito. Mais que contos, são propostas, que chamam o leitor para dentro do seu universo e ali ele precisa montar os delineamentos construídos pela autora. Cerebrais, não cedem a um enredo de

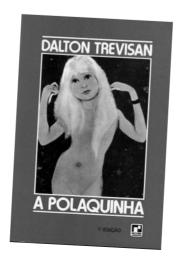
primeira montada e exigem que toda a inteligência do leitor seja chamada, para construir com os narradores a "história" que nunca é história, porque a autora sonda uma nova forma de ser do conto. Com frases aparentemente sem coadunação, apenas jogadas num mar de lirismo que de repente se torna o clima da "narrativa" que muitas vezes se aproxima do poema em prosa.

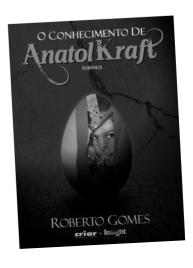
Dinho, Karam e Sanches

Nesta nossa viagem, paremos na estação Domingos Pellegrini. Ele começa como um autor engajado, o que fica demonstrado em O homem vermelho, em que consta um dos contos mais refinados de nossa produção atual: "O encalhe dos 300". Seu mundo acerca--se tanto do sertão como do centro urbano e várias vezes da chácara onde vive. Com um olhar agudo para os aspectos sociais do Brasil, nos dá uma obra-prima como Terra vermelha que, nas palavras de Affonso Romano de Sant'Anna, "adiciona um elemento a mais para se entender a formação brasileira. Assim como o fez Erico Verissimo nos seus conhecidos romances históricos, Pellegrini está recriando a `terra vermelha'do Paraná, o 'eldorado'para onde foram colonizadores das mais variadas etnias e nacionalidades."

Para quem teve oportunidade de assistir as peças de Manoel Carlos Ka-



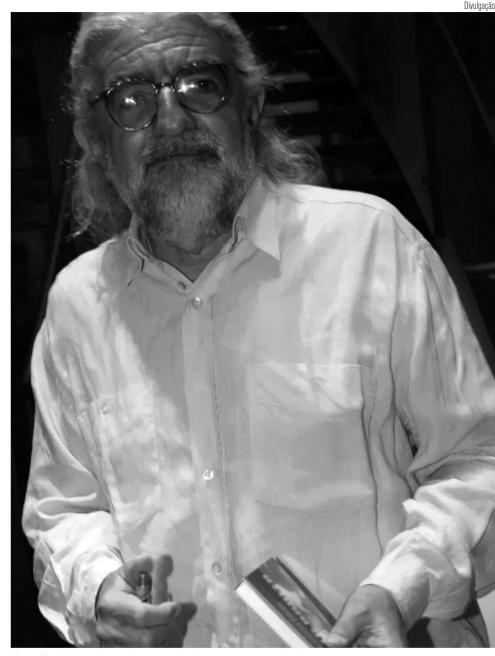




ram, no saudoso Teatro de Bolso, elas eram demolidoras, porque também no teatro Karam não se conformava com as regras estabelecidas e propunha uma nova dicção que encantava e intrigava. Escreveu inúmeras peças que esperam por uma reunião em livro. Contudo, o teatro para ele foi "um caminho para a literatura, este sempre foi meu projeto, ser escritor de livros". Ele prossegue: "A possibilidade de recombinação do real, de poder fazer que os personagens façam o que você talvez não fosse capaz de fazer é fantástico". Este sentimento do fantástico talvez seja o responsável pelo teor de absurdo e surrealismo apresentados em seus escritos.

"O humor de Karam varia do absurdo à alusão literária, da gozação de clichês a associações, do lírico ao curto e grosso. Em boa parte exige cultura. Mas para o resto basta inteligência", assevera Ernani Ssó, na orelha de O impostor no baile de máscaras. Deonísio da Silva, em resenha sobre este mesmo livro, não tem dúvida em afirmar que Karam é "uma das maiores revelações da literatura nos anos 1980. Ele trouxe um problema danado para críticos e professores de literatura", (Jornal da Tarde, 1992). Nesta mesma resenha, Silva se distende pela audácia de Karam, pela dissidência em face de antigos modelos que a tradição literária consagrou. "Seu riso é catártico, político. Seu deboche vitupera outros alvos, postos além daquelas conhecidas instituições, já calejadas de tanto receberem críticas mordazes."

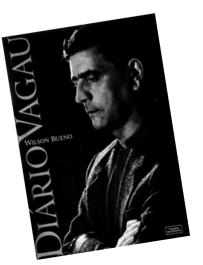
Miguel Sanches Neto era um crítico de ponta, quando surpreendeu o público "desviando-se" para o plano ficcional. Tem percorrido vários caminhos, numa multiversação que demonstra sua capacidade de lidar com vários discursos em diálogo permanente com os mais diversos temas: o romance histórico (Um amor anarquista, A máquina de madeira); a novela policial (A primeira mulher); a introspecção mais autobiográfica (Chove sobre minha infância); o conto (Hóspede secreto); a crônica (Herdando uma biblioteca, Impurezas amorosas); e um roman à clef ou key novel em que o personagem central aparece sob outro nome, porém já muito revelado pelo título: Chá das cinco com o vampiro, em que satiriza e tenta demolir vários escritores de Curitiba. Confessamos que este trabalho nos incomodou muito, porque criou um ninho de vespas e ao lê-lo elas voaram e nos picaram por todo o corpo. Talvez até tenhamos sido injustos com certas críticas que fizemos ao romance em eventos. Agora, passado algum tempo, estamos certos que uma das funções da literatura é realmente incomodar, nos tirar do conforto de nossas posições e sendo assim, vemos o romance como um ato de coragem de enfrentar certos figurões, pelo menos para despertar a sempre saudável polêmica.



Manoel Carlos Karam fez uma literatura calcada na experimentação de linguagem.







ENSAIO

E os novíssimos?

E o que falar a respeito dos novíssimos? Existem gerações de escritores no Paraná, uns mais maduros, outros em plena juventude. Citaremos alguns nomes, correndo o risco de esquecer outros e principalmente ignorar aqueles cuja obra ainda não caiu em nossas mãos.

Carlos Machado, cujo quarto livro, em nossas contas, é a novela *Poeira* fria, com um narrador em crise e sua fala com o terapeuta sobre o vazio e a falta de sentido de tudo; Maria Célia Martirani, com os *contos* de *Para que as* árvores não tombem de pé, em que "narra poemas e poetiza a narrativa" e que, no dizer do professor Marcelo Franz, trabalha com "o fabulesco a serviço de uma exaltação do dizer em suas amplas potencialidades". Paulo Sandrini, escrevendo suas alegorias tortuosas sobre países de miragem, pretexto estético para criticar as mazelas e desmandos de um lugar chamado Brasil. Da obra deste escritor, podemos destacar Osculum obscenum e O rei era assim; Assionara Souza, que mergulha no delírio do experimento verbal, quebrando as baias do gênero: Cecília não é um cachimbo, Amanhã. Com sorvete e Os hábitos e os monges; Guido Viaro (neto) que já tem mais de dez romances publicados e, aleatoriamente, escolhemos para este panorama O quarto no universo e No zoológico de Berlim,

um livro sobre um homem preso que, mesmo atrás das grades, luta para que sua alma não acompanhe seu corpo, e o lançamento há poucos meses de Confissões da condessa Beatriz de Dia; Cezar Tridapalli — ele já nos mostrou sua arte com o intrigante Pequena biografia de desejos e está com um original novo, que tivemos a oportunidade de ler e é um romance do mais alto quilate e que, quando publicado, marcará nossas letras, pela alta densidade literária; Marcio Renato dos Santos, cujos contos primiciais estão reunidos em Minda-au, mas que diz a que veio no novíssimo Golegolegolegolegah!; Luís Henrique Pellanda — já nos deixou O macaco ornamental, de contos, e Nós passaremos em branco, de crônicas, e é o responsável pela organização dos dois volumes das melhores entrevistas do Rascunho; Regina Benitez, falecida e jogada no ostracismo foi resgatada por Paulo Sandrini, que publicou Mulher com avestruz e A moça do corpo indiferente, contos em que a solidão da condição feminina é a têmpera primeira da escritora; Marcelo Sandmann, poeta. Em seu último livro, Na franja dos dias, apresenta um trabalho poético extraordinário, impactante pela modernidade/contemporaneidade e pelo tráfego solto por temas corriqueiros ou metafísicos. É um livro que está por merecer maior atenção.



Segundo Paulo Venturelli, Marcelo Sandmann "apresenta um trabalho poético extraordinário".

E por falar em poesia, não podemos deixar de lado a antologia de poetas contemporâneos do Paraná, *Passagens*, organizada por Ademir Demarchi e publicada em 2002 nos traz 26 poetas. Pela inquietação e verve novidadeira, marcamos a presença de Adriano Smaniotto; Carlos Dala Stella com seu suntuoso *O gato sem nome*; não podemos esquecer o nome de Maurício Arruda Mendonça com seu *Epigrafias*.

Ainda no campo da poesia, é óbvio que não podemos deixar de lado um nome da maior importância entre nós: Helena Kolody. Na aparente simplicidade de sua poesia, temos um trabalho de cunho estético-ideológico, com uma imagística muito pessoal, por meio da qual repassa o mundo e as suas experiências.

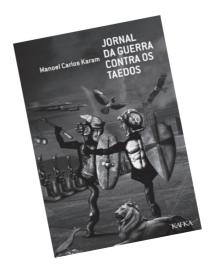
O múltiplo Leprevost

Estas "linhas", com as mais diversas dicções e efeitos nos entusiasmam e mostram que nossa literatura vai bem, independente dos centros maiores. Contudo, queremos ressaltar o escritor que, entre todos os novos, conseguiu demarcar sua presença com uma linguagem muito pessoal e demolidora, além de aguda originalidade no que tem publicado. Referimo-nos a Luiz Felipe Leprevost.

Trazendo à discussão o Manual de putz sem pesares, vemos que ele navega por aquela presentificação a que já nos referimos e pela violência que, segundo Kark Erik Schollhammer, é um dos temas principais da literatura brasileira atual.









Os personagens de Leprevost vivem uma vida vazia de sentido e para cobrir este vazio, lá vem a droga, o álcool, a estupidez de um cotidiano sem projeto e sem guarda. Podres nesta vida, tais criaturas estão amortecidas pela padronização, robotizados em seus "sentimentos", são seres desindividualizados e emparedados por estruturas de alienação. Nada lhes salva e, na verdade, ninguém está preocupado em salvar-se desta não-vida, se contentando em rastejar pelo chão duro de uma realidade de quem não atingiu a rigor o nível da humanidade. A satisfação burra vem de um baseado, da cachaça, da cocaína, da pancada na cara do outro, pois assim encontram adrenalina e investidos por ela, pensam cobrir o buraco de seu dia a dia.

O contista lança um agudo olhar sobre a Curitiba oficial. A Curitiba do Primeiro Mundo. A Curitiba como exemplo para outras cidades. A Curitiba para AS FAMÍLIAS. O autor desmonta estes mitos e vai fundo nas feridas sociais de uma cidade que tem o maior índice de drogados jovens, entre as capitais, segundo a fala de um candidato a prefeito nas últimas eleições. Leprevost mostra os cadáveres ambulantes. Não enfeita a janela pela qual vê o mundo e a cidade.

Leprevost escreve de maneira solta, jovem, divertida, sem julgar nada,



Luiz Felipe Leprevost, da nova geração, tem produção em vários gêneros literários, do conto ao teatro.

sem ser moralista. Enfia o bisturi e deixa o sangue envenenado escorrer.

Um manual de sarcasmos, ironia, escrita ligeira e muitos putz...

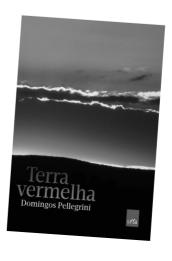
Com todas as falhas possíveis, com todas as ausências lamentáveis, porque não conhecemos a obra ou, conhecendo-a, não a lemos, reconhecendo

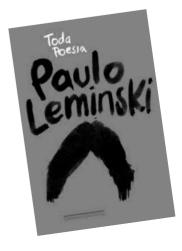
nossos limites, com a estreiteza comum a um rápido ensaio, tentamos abarcar o que nos foi possível. Não tivemos aqui a pretensão da última palavra. Apenas levantamos diversas meadas, dentro daquilo que é de nossa alçada e o que foge dela com certeza tem muito mais amplitude. Demos apenas um passo para

comemorar os dois anos de Cândido. E esperamos que esta publicação se mantenha e não sofra com os vaivéns da política. Que a literatura que é seu eixo se fixe acima de qualquer interesse de grupo e muitos aniversários possam vir e muitas outras vozes mais competentes que a nossa sejam ouvidas.









PERFIL DO LEITOR | MARCELO NOVA

Pautado pelo rock

Fã de quadrinhos até a adolescência, o músico baiano descobriu a literatura a partir das referências contidas em seus discos preferidos

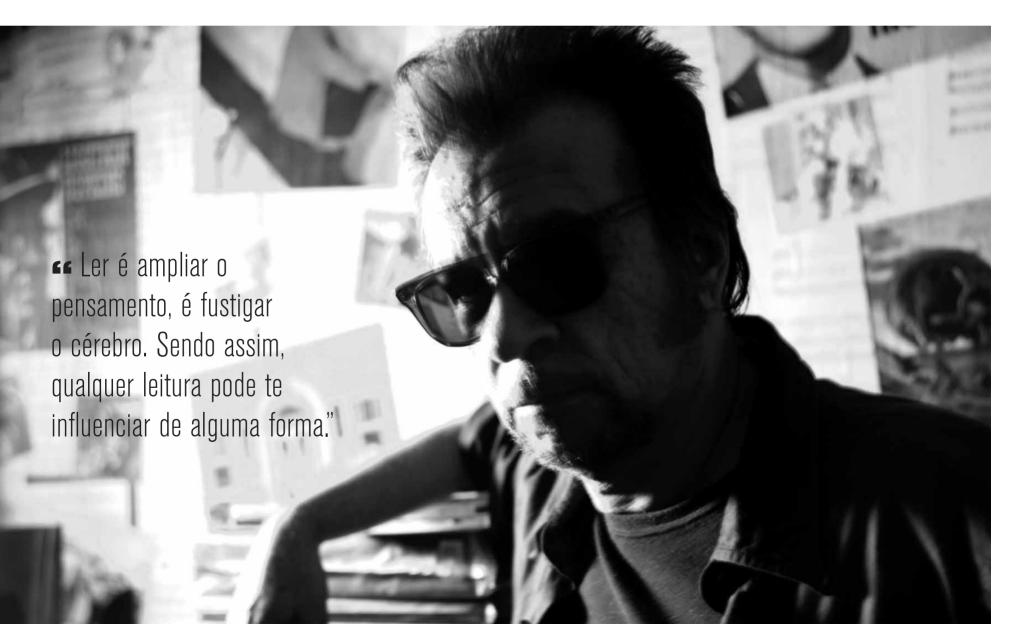
OMAR GODOY

Meu trabalho vem do texto. Tenho 18 álbuns gravados e nunca compus uma canção a partir da melodia. Sempre começo pela letra. A única canção que eu comecei pela música está no assobio até hoje, não consegui terminar", conta o baiano Marcelo Nova, que neste mês completa 62 anos.

Com um disco novo na praça, 12 fêmeas, ele afirma que nunca combinou tão bem letra e música. "Sentia que meu texto brigava com o som, com aquela paulada de bateria e guitarra para todo lado. Desta vez, com a ajuda do meu filho Drake [guitarrista e produtor], tirei um pouco o pé do ataque e consegui um equilíbrio entre tempestade e calmaria."

Leitor do tipo que precisa de iso-

lamento total para curtir um livro, Nova afirma que a literatura sempre foi uma influência decisiva em sua obra. "Ler é ampliar o pensamento, é fustigar o cérebro. Sendo assim, qualquer leitura pode te influenciar de alguma forma", diz o artista, que apareceu para o Brasil durante o estouro do *rock* nacional dos anos 1980. Um modismo musical como tantos outros, mas que deixou ao menos



um legado estético: letras muito acima da média em se tratando do cenário pop.

"De alguma maneira, conseguimos preencher um vazio de identificação que existia antes de nós. Havia uma necessidade de ser imediato, urgente, realista. 'Inútil', do Ultraje a Rigor, por exemplo, traduz o Brasil como ele é, e não como o Geraldo Vandré queria que ele fosse", ironiza.

Para ele, a "letra de rock brasileiro" como conhecemos hoje é invenção de seu ídolo e parceiro Raul Seixas. "A primeira vez que eu me identifiquei com um texto de música nacional foi quando ouvi 'Ouro de Tolo", revela. Nova, contudo, garante que não tem má vontade com a MPB. "Eu só não interiorizei esse orgulho auriverde que a maioria tem. Aos 9 anos, ouvi Little Richards pela primeira vez e fui possuído de forma orgânica por aquele ritmo, que fazia um contraponto com a placidez sonora da bossa nova e do Frank Sinatra que escutavam na minha casa. A partir daí, o rock and roll mudou a minha vida para sempre."

E foi o rock que o levou à literatura, ainda na adolescência. Leitor de quadrinhos e dos clássicos obrigatórios da escola, Marcelo Nova começou a correr atrás dos livros citados por seus artistas preferidos. O primeiro que leu de cabo a rabo foi a As portas da percepção (Aldous Huxley), que inspirou Jim Morrison a batizar seu The Doors. "Tinha 15 anos quando li, não entendi metade do que estava escrito. Mas fiquei curioso para entender, não desisti e fui pesquisar sobre o assunto em outras fontes, como Timothy Leary", lembra.

Outro livro marcante dessa fase foi O outsider: O drama moderno da alienação e da criação, um longo ensaio em que o escritor e filósofo autodidata Colin Wilson analisa a vida e a obra de artistas controversos que viram o mundo de uma maneira diferente (Nijinski, Van Gogh, Dostoiévski, William Blake, etc.). "Ele falava do Herman Hesse, eu

Virou uma moda internacional, agora todo roqueiro escreve livro ou ganha biografia. Não tenho talento para produzir o grande romance brasileiro, então prefiro não escrever nada."

já associava O lobo da estepe com o [grupo] Steppenwolf e corria para ler."

Seu cânone pessoal ainda inclui Shakespeare ("Pode ser o maior clichê do mundo, mas o cara definiu tudo"), Oscar Wilde ("Imbatível na ironia e no sarcasmo"), Raymond Chandler ("O Lou Reed disse que gostava dele e eu fui direto para a seção de mistério da livraria") e Marcel Proust ("A introdução de No caminho de Swann mexeu com todos os meus sentidos").

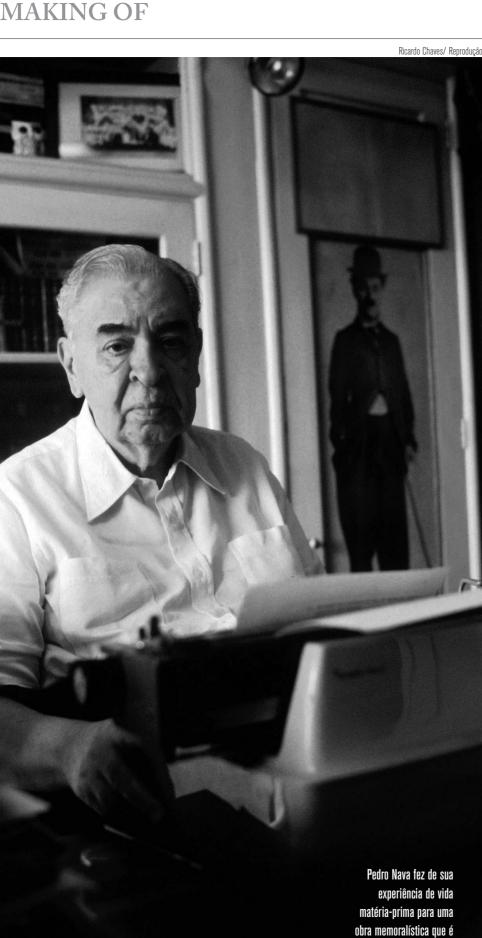
Mas nada se compara à devoção de Nova ao sujeito que levou a literatura para a música popular — e vice-versa. "Bob Dylan arrebentou com tudo. Ainda lembro do impacto que foi ouvir 'Like a Rolling Stone' no rádio pela primeira vez. Letras gigantescas, métricas estranhas, vocabulário rico, ideias complexas. O cara ainda deixa todos nós para trás", afirma o músico, que já leu várias biografias de Dylan.

Um livro sobre ele próprio, no entanto, está fora dos planos (pelo menos por enquanto). "Virou uma moda internacional, agora todo roqueiro escreve livro ou ganha biografia. Não tenho talento para produzir o grande romance brasileiro, então prefiro não escrever nada", diz o baiano, que vira e mexe é procurado por jornalistas interessados em documentar sua história. "Digo para eles que talvez eu não morra logo, que quando eu for mais velho terei mais assunto para falar."

A única proposta que realmente

o agradou veio do jornalista André Barcinski, autor de Maldito: A vida e o cinema de José Mojica Marins. Os dois conversam há algum tempo sobre o assunto, mas Nova sempre encerra o papo com a mesma pergunta: "Quem vai bancar os advogados? Porque, se esse livro acontecer, vem chumbo grosso por aí". ■





Quando a memória é literatura

Publicado há 41 anos pela Editora Sabiá, de Fernando Sabino e Rubem Braga, Baú de ossos garantiu a Pedro Nava a reputação de grande autor brasileiro

MARCIO RENATO DOS SANTOS

972 é o ano em que a literatura brasileira registra o aparecimento de um livro que, até hoje, provoca impacto nos leitores. Trata-se de Baú de ossos, o primeiro de uma série de sete títulos de memórias de Pedro Nava (1903-1984). O reconhecimento da obra e do autor foram imediatos. Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, não economizou elogios: "Minha geração, a que ele pertence, tem orgulho de oferecer às mais novas um livro com a beleza, a pungência e o encanto da obra excepcional que Pedro Nava realiza com este primeiro volume de memórias, digno de figurar entre o que de melhor produziu a memorialística em língua portuguesa." Otto Lara Resende também se entusiasmou: "Considero um livro fundador, no sentido de que é um livro que sozinho dá notícia de uma cultura. Mais importante para a literatura brasileira que Marcel Proust para a cultura francesa. Simplesmente genial."

considerada literária.

Foi por meio da Editora Sabiá, empreendimento dos escritores Fernando Sabino e Rubem Braga, que o público teve acesso, há 41 anos, à primeira edição de Baú de ossos. "Quando o Sabino conclui a leitura dos originais, prepara imediatamente um contrato de edição da obra, tamanho o entusiasmo com o que lera", comenta Júlio Valle, professor do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), autor de dissertacão de mestrado e tese de doutorado sobre a obra de Pedro Nava — ambas defendidas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Nava escreveu Baú de ossos entre os dias 1º de fevereiro de 1968 e 15 de outubro de 1970. Os dados são exatos. "Tamanha precisão só é possível porque Nava tinha o costume de anotar, ao final de cada volume, as datas correspondentes ao início e fim da redação do livro em questão. Dedicou, por assim dizer, quase três anos à escrita do primeiro volume", observa Valle. O estudioso, porém, afirma que é difícil, se não impossível, determinar o tempo de maturação da obra.

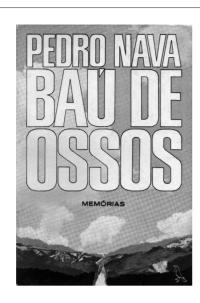
"Afinal, às vezes, por mais despropositada que pareça a afirmação, tem-se a impressão de que o tempo de maturação de Baú de ossos equivale ao próprio tempo de existência de Nava até, e durante, a composição do livro." O especialista tem a informação de que, ainda muito jovem, Nava interveio ativamente na preservação de um arquivo familiar que estava em vias de ir para o lixo — "fato que, se tivesse mesmo ocorrido, iria comprometer parte do que se relatou, muitos anos depois, em seus livros. Além disso, Nava sempre foi um anotador contumaz e disciplinado de causos familiares. É claro que nada disso deve ter sido premeditado completamente, mas a verdade é que havia, desde há muito, um memorialista incubado no olhar de Nava sobre o mundo."

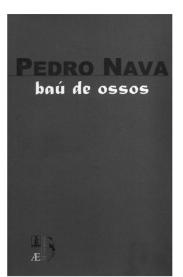
Inventário, pintura e poesia

Os originais de Baú de ossos estão no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Júlio Valle teve acesso ao conteúdo durante pesquisas acadêmicas e conseguiu identificar de que maneira Nava traduziu as memórias em texto. "Após um extenso trabalho de pesquisa, que consistia em fazer leituras e entrevistas, tomar e compulsar variadas notas, além de consultar sistematicamente todo um inventário familiar conservado com esmero incomum, Nava partia para a escrita propriamente dita. Escrevia à máquina numa folha de papel grande e não pautada dobrada ao meio, reservando a página esquerda para a datilografia do texto original e, a direita, para correções, emendas e anotações das mais variadas, todas elas funcionais, de alguma forma, para o produto textual final", comenta o pesquisador.

A recepção positiva de Baú de ossos e do projeto Memórias (o segundo livro, Balão cativo, foi publicado em 1973) faz com que o autor, um reumatologista internacionalmente conhecido, se dedique cada vez menos à medicina — em 1975 ele se afasta de cargo de direção da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Mas Pedro Nava já era conhecido no meio literário antes de estrear como autor. A professora da Uni-







Algumas capas: Baú de ossos foi publicado em 1972 pela Editora Sabiá, que foi adquirida pela José Olympio e que passou a editar a obra. Posteriormente, a produção de Nava foi publicada pela Nova Fronteira, pelo Círculo do Livro, pela Ateliê/Giordano e, atualmente, pela Companhia das Letras.

versidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Ana Chiara, autora do livro Pedro Nava: um homem no limiar, observa que, na década de 1920, o futuro memorialista frequentava o Café Estrela, em Belo Horizonte — espaço onde jovens, como Carlos Drummond de Andrade, se reuniam para conversar sobre literatura e arte. Além disso, acrescenta Ana, Nava foi um talentoso desenhista. "Seus belíssimos desenhos ilustram uma edição do livro Macunaíma, de Mario de Andrade, de quem também foi correspondente", diz. As cartas de Mario ao Pedro Nava estão no livro O correspondente contumaz: Cartas a Pedro Nava (1925-1944), publicado pela Nova Fronteira em 1982. Autor de poemas publicados em revistas e jornais, a poesia de Nava foi incluída na Apresentação da poesia brasileira, antologia organizada por Manuel Bandeira.

Artisticamente impactante e atual

As 520 páginas de Baú de ossos da edição de 2012, da Companhia das Letras, ou as 464 da versão da Ateliê Editorial/Giordano, de 1999, trazem uma genealogia aparentemente sem fim. O autor cita e lista seus parentes e conta episódios sobre eles. Ana Chiara, da UERJ, lembra que a interpenetração de realidade e imaginação é a condição do processo memo-

Considero um livro fundador. no sentido de que é um livro que sozinho dá notícia de uma cultura. Mais importante para a literatura brasileira que Marcel Proust para a cultura francesa. Simplesmente genial."

Otto Lara Resende

rialístico. "Talvez as mais belas memórias sejam as 'inventadas", afirma Ana.

Além da busca pelo rastro de seus antepassados, o memorialista também recupera episódios que foram decisivos em seu próprio percurso. Uma das cenas mais impactantes de Baú de ossos é o momento em que o menino Pedro Nava faz uma escavação e encontra o esqueleto de um macaco em decomposição, o que, na interpretação do homem experiente que escreve as memórias, teria sido o primeiro sinal de que ele iria se tornar médico — por causa de sua atração pela biologia.

A professora da UERJ diz apreciar o episódio em que Nava define, a partir de uma gota de água congelada de uma estalactite, a noção de presente eterno da

arte — "tal como o tempo recuperado de Proust. É uma cena muito lírica e plástica". Júlio Valle, da UNIFESP, também tem um trecho favorito: o das páginas finais, nos quais se narra a morte do pai de Nava, quando o autor tinha apenas oito anos: "Tudo ali é muito impactante, não só pela força dramática inerente à situação, mas sobretudo pelo modo como dispõe alguns detalhes que agem decisivamente sobre a recomposição da tragédia familiar. Cito, como exemplo, a impressão de que o vulto do pai parecia diluir-se contra o cinza da tarde — um evidente presságio da iminente desaparição do parente, levado pela doença."

Entre as muitas características de Baú de ossos, Valle chama a atenção para a atualidade da obra. "O livro é atual porque é literariamente rico e inspirado, de modo muito dramático, por questões vitais como as relações familiares e a experiência da morte. Em outras palavras: é atual porque trata de questões humanas fundamentais de modo artisticamente impactante." O estudioso analisa que, com o primeiro livro, Pedro Nava reintroduz a literatura naquele círculo de questões problemáticas para as quais, durante a leitura, parecemos encontrar não necessariamente respostas, mas formulações emocionalmente iluminadoras — "e isto, para mim, é o principal." ■

CONTO | RUBEM FONSECA



uando servi o Exército eu me tornei especialista em bombas. Sei fabricar qualquer tipo de bomba portátil, muito usada por terroristas. A bomba que eu estava fazendo tinha que ter efeito fulminante, para que a vítima nada sofresse. E antes da explosão, era necessário que fosse emitido um feixe de luz radiante que fizesse a vítima perceber a iminência da explosão.

A pessoa que eu queria matar era o meu filho João.

Minha mulher Jane estava grávida quando fui enviado ao exterior com um contingente do Exército a serviço das Nações Unidas. Fiquei ausente cerca de dois anos. Escrevia constantemente para Jane e ela respondia. Quando o meu filho nasceu e recebeu o nome de João, as cartas de Jane ficaram bem estranhas. Ela dizia que precisava falar comigo uma coisa muito séria, mas não sabia como. Eu respondia impaciente para ela dizer de qualquer maneira, mas ela persistia na falta de clareza, que cada vez piorava mais. Afinal, Jane deixou de responder minhas cartas.

Quando voltei da missão da ONU, corri para casa assim que desembarquei no aeroporto.

Jane abriu a porta para mim. Seu aspecto me surpreendeu. Estava envelhecida, pálida, parecia doente.

"Onde está o João?", perguntei.

Jane começou a chorar convulsivamente, apontando a porta do quarto onde ele estava.

Entrei no quarto, seguido de Jane. João estava deitado no berço, um menino lindo, que ao me ver deu

um sorriso. Peguei-o no colo. Então, tive uma surpresa que me deixou atônito. João só tinha uma perna e um braço, eram os únicos membros que possuía.

Jane estendeu-me um papel, todo amassado, uma receita médica onde estava escrito: esta criança sofre de focomelia, uma anomalia congênita que impede a formação de braços e pernas.

Jane cuidava do João com o maior cuidado e com grande carinho. Mas ela definhava cada vez mais e morreu quando João tinha seis anos. Eu dei baixa no Exército para poder cuidar do meu filho. Quando eu perguntava se ele queria alguma coisa, ele dizia "Eu quero ir para a guerra".

Sua deficiência física se agravava com a idade. Ele tinha 15 anos, mas não podia andar, estava impossibilitado de exercer as mínimas atividades físicas.

"Eu quero ir para a guerra, papai", ele pediu mais uma vez.

Então decidi que ele iria à guerra. Foi quando preparei a bomba.

Com a bomba na mão eu disse:

"Meu filho, você foi convocado para ir à guerra."

"Obrigado, meu pai querido, eu te amo muito."

Eu o amava mais ainda.

Coloquei a bomba na sua mão.

"Essa bomba vai explodir. É a guerra", eu disse.

"É a guerra", ele repetiu feliz.

Saí do quarto onde estava. Pouco depois vi o clarão.

João também viu esse clarão, feliz, antes da bomba explodir, matando-o.

Eu amava o meu filho.

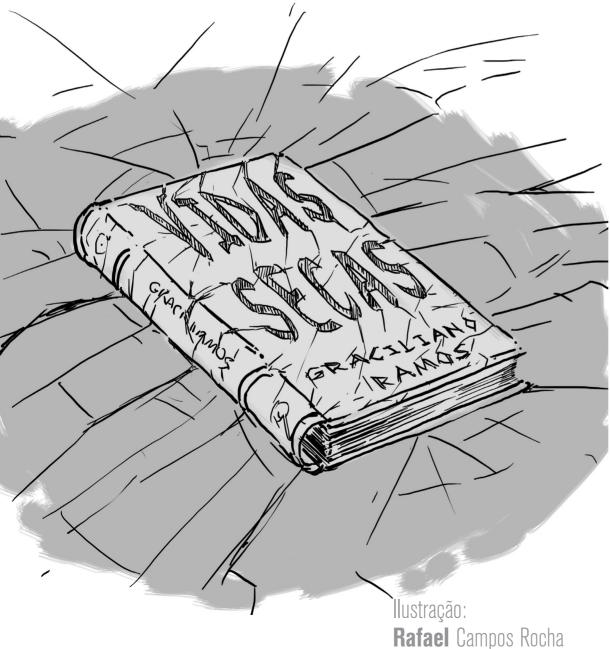


Rubem Fonseca nasceu em 1925 e é um dos maiores escritores contemporâneos de língua portuguesa. Autor de 27 livros, entre suas principais obras estão as coletâneas de contos Lúcia McCartney e Feliz ano novo, além dos romances A grande arte e Agosto. A história publicada pelo Cândido faz parte do novo livro de contos do autor, Amálgama, que a editora Nova Fronteira lança este mês. O escritor vive no Rio de Janeiro (RJ).



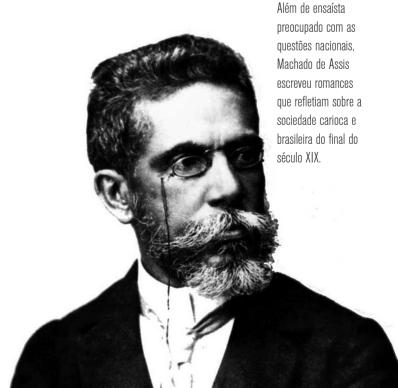
CAPA | O BRASIL SEGUNDO A FICÇÃO

A ficção que discute a (120) realidade



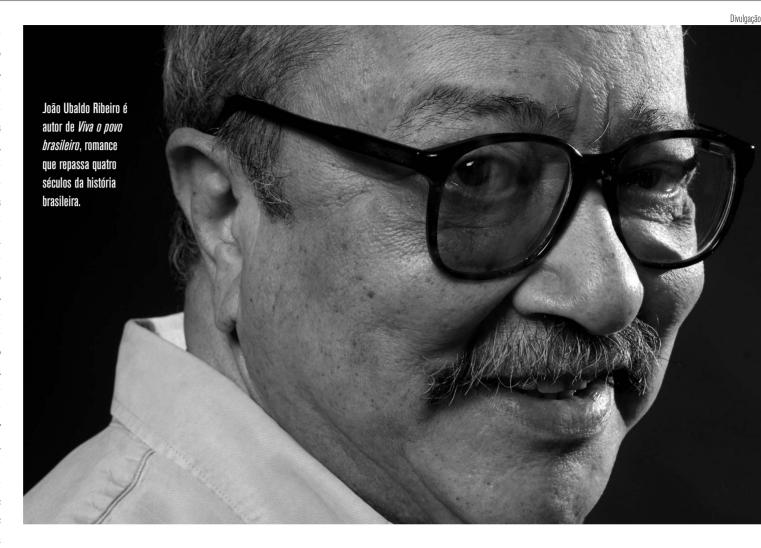
Tema recorrente na literatura de autores clássicos como Machado de Assis e Graciliano Ramos, o Brasil tem sido um assunto pouco privilegiado por escritores contemporâneos

FABIO SILVESTRE CARDOSO



recente onda de protestos que chacoalhou o país no mês de junho mostrou, entre outras coisas, que a discussão sobre o Brasil está na ordem do dia. Nesse sentido, não surpreende que jornais, revistas e até mesmo as editoras têm se movimentado com vistas a aplacar a necessidade dos leitores de compreender o que vem acontecendo. Na internet, para citar um dos muitos exemplos possíveis, para além da carência de representatividade política, muitos (re)clamam por novos formatos de narrativa e de literatura, que, de algum modo, alcancem o espírito do tempo presente. Até mesmo a Festa Literária de Paraty (FLIP), na edição de 2013, dobrou-se à agenda e promoveu algumas mesas de debate sobre o tema. Para alguns, o fato de a literatura em si ter sido escanteada para a discussão de um tópico relevante, porém demasiadamente politizado, pode demonstrar certo desvio temático da atração. Afinal, a literatura não necessariamente deve corresponder à cobertura a quente do noticiário. Todavia, é fundamental destacar que o debate sobre o país é parte integrante da trajetória literária brasileira, para além do que tem ocorrido nos últimos tempos.

Na avaliação de críticos e de escritores, é correto assinalar que determinadas obras não apenas enfrentam o Brasil como tema central, mas, essencialmente, antecipam algumas discussões importantes que vêm sido travadas ao longo da História do país. E se é verdade que esse tema está mais presente em uma discussão sociológica, também vale a pena destacar que é um assunto já bastante desenvolvido na literatura nacional. Para Luís Augusto Fischer, crítico literário e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG), "num país do tamanho e da diversidade do nosso, é difícil conceber 'o Brasil' sem essa capacidade. O que mais ocorreu, ao longo do tempo, foi que intelectuais pensaram 'o Brasil' a partir de suas experiências pessoais; na medida em que viviam em centros grandes ou que se



julgavam representativos, suas ideias podiam ser ou foram tomadas como abrangendo 'o Brasil". Ao apresentar sua lista de obras clássicas sobre o tema, Fischer prefere destacar, assim, os textos de não--ficção, exatamente para que não houvesse uma distorção do debate — embora faça a ressalva: "Não quer dizer que na ficção não possa haver pensamento sobre 'o Brasil', claro".

Desse modo, se a lista de obras de Fischer se notabiliza pelos textos ensaísticos, como Os sertões, de Euclides da Cunha; Casa grande e senzala, de Gilberto Freyre; Os donos do poder, de Raymundo Faoro, entre outros do mesmo gênero. O crítico cita Machado de Assis no topo da lista, destacando, num primeiro momento os ensaios, mas não deixa de lado a ficção do autor de Dom casmurro. "O Macha-

do ensaísta discute o Brasil de frente, em ensaios como Instinto de Nacionalidade', ou em 'Nova geração'. De modo mais amplo, dá para dizer que no romance, e também no conto, Machado volta e meia toma uma dessas ideias, antes expressas já em ensaios de largo horizonte, como mote para um enredo. É o caso das Memórias póstumas de Brás Cubas e de Quincas Borba, ou de O alienista, por exemplo."

Diferentemente de Fischer, Noemi Jaffe, escritora e doutora em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), prefere elaborar sua seleção excluindo os campos da filosofia, da história e da sociologia, concedendo exclusividade à literatura de ficção. A autora de Folha explica Macunaíma enumera, entre outros, Macunaíma, de Mário de Andrade, Triste fim de Policarpo Quaresma, de

Lima Barreto, Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Vidas secas, de Graciliano Ramos, entre outros. Para Jaffe, que também escreve crítica literária para o jornal Folha de S. Paulo, direta ou indiretamente, essas obras tematizam a nacionalidade. "Mesmo os mais antigos ainda se mantêm atuais e esse foi um dos critérios para minha escolha. Embora os problemas pareçam diferentes, ainda persistem." Jaffe assinala, ainda, que essas narrativas problematizam a questão do Brasil a partir da fabulação, do uso da ironia, da apresentação das relações sociais, dos personagens problemáticos, representando ou parodiando a questão da identidade nacional.

Opinião semelhante é a do professor de literatura brasileira da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP),

CAPA | O BRASIL SEGUNDO A FICÇÃO

Mário de Andrade é o criador de *Macunaíma*, um dos personagens mais emblemáticos da literatura nacional e que, para muitos, incorpora traços do povo brasileiro



Nos livros que tenho lido e que me recorde imediatamente, a dimensão nacional é uma quase ausência."

Luís Augusto Fischer, crítico literário.

André Luiz Barros. Para ele, obras como Triste fim de Policarpo Quaresma ("Figuração desencantada, ácida, a um só tempo satírica e lírica, do homem brasileiro que é despojado de suas ilusões"), Macunaíma ("a Semana de 22 chega a um fluxo primitivista e afirmativo de rara beleza") e Memórias póstumas de Brás Cubas ("início da fase madura de Machado, que sintetizaria um modo — satírico e pseudoclassicizante — de retratar a elite brasileira") também se apropriam dos temas nacionais. Além desses, Barros menciona Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, e a obra poética de João Cabral de Melo Neto, que, a partir da subjetividade e do regionalismo, alcançam a proposta inclusive de forjar uma espécie de crítica social sobre o país.

Para Pedro Marques, doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp e pesquisador de literatura brasileira, "toda obra que faz sentido a um brasileiro,



João Cabral de Melo Neto se debruçou sobre a realidade nordestina em seu épico Morte e vida Severina

isto é, que o emociona, que o faz pensar em sua cidadania, que o pressupõe parte de uma coletividade e de uma rede de referências, ainda que fragmentárias, desenha uma ideia de Brasil e de brasileiro". Nesse sentido, Marques destaca outros livros que se enquadram nesse recorte, que, segundo ele, pertencem a três momentos que apresentaram programas literários específicos para uma figuração de nação e povo. Assim, de 1822 a 1870, definiu-se uma primeira imagem do país, interessada em se diferenciar da matriz portuguesa. Obras como Os Cantos, de Gonçalves Dias, e Iracema, de José de Alencar, ganham destaque. O segundo momento, de 1870 a 1920, determinados índices históricos, políticos e culturais se desenvolvem e se institucionalizam — em certa medida, permanecendo até hoje. Desse período, Marques cita Quincas Borba, de Machado de Assis, Poesias, de Olavo Bilac, Cidades mortas, de Monteiro Lobato, e Os sertões, de Euclides da Cunha. De 1920 em diante, o que se nota é a vontade de reafirmar tais emblemas, provocando uma tensão entre tendências ruptoras e continuístas, como se vê em livros como Grande sertão: veredas e O romance da pedra do reino, de Ariano Suassuna.

Pedro Marques atenta, ademais, para o fato de que a crítica sempre esteve acompanhando esse debate, desde o século XIX. Já André Luiz Barros comenta que essa discussão sobre a brasilidade rendeu livros centrais na academia e fora dela, numa trajetória que vai de Ferdinand Denis, em 1826, a Roberto Schwarz e Raymundo Faoro nas décadas de 1960-1970. De forma semelhante, Noemi Jaffe observa que os críticos no Brasil se mostram atentos a esse debate, acrescentando a essa lista os nomes como Antonio Candido, Antônio Lafetá, José Miguel Wisnik. Luís Augusto Fischer, por sua vez, avalia que esse diálogo está em baixa na contemporaneidade, salientando, inclusive, "que há mesmo uma certa força na direção de evitar essa dimensão, a nacional, que parece a muitos uma coisa caipira, ultrapassada pelo estágio da mundialização".

A propósito disso, o professor André Luiz Barros concorda que essa discussão sobre a nacionalidade na literatura nos dias de hoje corre o risco de estar ultrapassada sobretudo se for comparada a outras épocas: "Nos estudos literários, a preocupação com o lugar específico da literatura levou, desde os anos 1960, a uma visão desta não apenas como 'espelho' das realidades de uma região ou de um país, daí até a crítica à ênfase, em voga desde o romantismo, nas literaturas nacionais, mas não passa mais pela cabeça dos autores contemporâneos", analisa. Ainda de acordo com Barros, o Brasil parece estar em uma situação diferente e, com a globalização, a questão nacional se apresenta mais como diálogo entre as culturas, num contexto internacional menos hierarquizado no qual as culturas periféricas tanto são influenciadas como influenciam os centros de economia hegemônica, "até porque muitas vezes essas últimas são de sociedades menos movimentadas culturalmente".

Desse modo, se nos clássicos da literatura brasileira essa discussão sobre o Brasil é quase parte integrante das obras,





na contemporaneidade isso aparece de forma menos substanciosa, por assim dizer. Noemi Jaffe, por exemplo, afirma que vários autores brasileiros abordam problemas nacionais em suas obras, porém de maneira distinta, como se lê em Marçal Aquino, autor de O invasor, Marcelino Freire, que escreveu Contos negreiros, e Raimundo Carrero, autor do recente Tangolomango. Para André Luiz Barros, em autores como Ronaldo Correia de Britto e Ariano Suassuna esse debate sobre o Brasil está, sim, presente, porém ressalta que não existe essa busca do ser brasileiro pretensamente puro ou original — nesse

sentido, argumenta o professor, essa busca já cumpriu seu papel, esgotando-se. De todo modo, André Luiz Barros destaca a produção de Alberto Mussa como o escritor brasileiro contemporâneo que melhor reflete em sua obra "o ser brasileiro". Mussa é autor de Meu destino é ser onça, romance que recria ficcionalmente mitos de origens tupis, e Eleagbara, reúne contos sobre os quilombolas.

Sem citar nomes, Pedro Marques afirma que, no momento, não existem jovens autores com um projeto com essa envergadura, e arrisca: "Talvez valesse perguntar qual o interesse de uma

Parece-me que os escritores mais velhos mantêm o tema [Brasil e a sua formação] em seus radares."

Pedro Marques, doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp

agenda como essa de hoje". Luís Augusto Fischer, por sua vez, tampouco vê nos romances recentes preocupação com esse assunto. Ao reforçar que a obrigação de um romance é a de contar uma boa história ou ter um bom foco em um personagem, o crítico diz que, "nos livros que tenho lido e que me recorde imediatamente, a dimensão nacional é uma quase ausência. Quase ao acaso, os nomes que me vêm na cabeça (Paulo Scott, Julián Fuks, Tatiana Salem Levy, Vitor Ramil, Joca Reiners Terron, Daniel Galera, Cristovão Tezza) nada discutem sobre uma coisa tão ampla quanto a formação do Brasil", comenta.

Em 2012, a edição brasileira da revista Granta dedicou número especial aos melhores jovens escritores brasileiros. Sobre aquela seleção, Luís Augusto Fischer escreveu um texto para o suplemento cultural Ilustríssima, da Folha de S.Paulo sublinhando um dado curioso: naquela seleção, "saíram de cena os personagens pobres e desajustados, assim como a prosa regionalista viciosa, e apareciam protagonistas sofisticados, com vivências pela Europa". É possível destacar, ainda, dos textos que há um ano fizeram barulho por figurarem na Granta, o excerto de romance de J.P. Cuenca, Antes da queda, que, de certa maneira, apontava para as consequências da especulação internacional em torno do Brasil entre os anos de 2009 e 2014. Curiosamente, pouco ou nada se falou até aqui desse trecho, ainda que as expectativas sobre o país venham soçobrando nos últimos meses, como está sugerido na ficção de Cuenca.

Mais recentemente, o Comitê Organizador do Projeto "Brasil Convidado de Honra da Feira do Livro de Frankfurt 2013" divulgou a lista dos 70 nomes de escritores brasileiros que participarão da mais prestigiada feira de livros no mundo. De acordo com a curadoria que selecionou os escritores, "a escolha do Brasil como país homenageado permite não apenas apresentar um instantâneo de sua variedade literária, estética e ensaística, mas também reunir escritores que sintetizam suas transições culturais mais recentes". Sobre isso, Pedro Marques observa que, entre os selecionados, "parece-me que os mais velhos mantêm o tema [Brasil e a sua formação] em seus radares". De sua parte, Naomi Jaffe assinala que o que caracteriza os autores selecionados para a feira é exatamente sua diversidade temática e linguística. Enquanto Luís Augusto Fischer é mais enfático. "Tenho a impressão de que na lista tem gente muito boa, misturada com escritores que estão ali mais por ser do grupo, da patota, do que por méritos realmente provados."

Muito antes de pertencer à ordem do dia, por esta ou aquela demanda popular, a discussão sobre o Brasil sempre esteve presente na literatura brasileira, seja nos textos de ficção, seja nos textos de não-ficção. E em meio a tantos livros e autores citados, uma certeza permanece, ecoando o já citado ensaio de Machado de Assis, "Instinto de nacionalidade": "A literatura brasileira não tem sete de setembro; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas: muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo". ■

CAPA | O BRASIL SEGUNDO A FICÇÃO

Cândido seleciona dez livros que discutem o Brasil por meio da ficção

Lima Barreto

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

Lançado em 1881, Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, brinca com uma forma narrativa cheia de comentários, alusões e citações, feitas pelo autor-defunto Brás Cubas, que decide escrever suas memórias



depois de morto. Além de um ágil ir e vir típico do movimento da memória, a narrativa ainda traz uma pitada de humor melancólico ao expor os privilégios da elite da época, o que torna o romance tão precioso, uma vez que Machado conseguiu criticar a burguesia sutil e inteligentemente apresentando uma visão mais interna e psicológica. Com esse texto, além de grande independência e originalidade, Machado viria a inaugurar o padrão moderno nas letras nacionais, rompendo muitas das convenções literárias de sua época. É considerado o divisor de águas na carreira literária do autor que, a partir deste romance, rompe os laços com o romantismo e passa a escrever sob um viés mais realista.

Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto

Publicado primeiramente em folhetim no ano de 1911, Triste fim de Policarpo Quaresma ganharia edição em livro apenas em 1915. No romance, Lima Barreto conseguiu traduzir os impasses do Brasil de seu tempo se valendo da ironia. Vivendo de idealismos nacionais, o major Policarpo Quaresma retrata suas desventuras e desencantos com a pátria amada em três momentos distintos de sua vida: primeiro como um funcionário público que vive em seu gabinete cheio de livros; depois como um proprietário rural em terras inférteis, como não imaginava existir; e, por fim, como um soldado voluntário na Revolta Armada, em 1893. A rejeição de Barreto ao eruditismo e ao rebuscamento estilístico

se explica como uma postura de oposição à chamada elite literária, o que gerou muitas críticas ao autor. Tal coloquialismo é visto como uma antecipação de características defendidas pelos modernistas, inserindo assim *Triste fim de Policarpo Quaresma* no prémodernismo brasileiro.



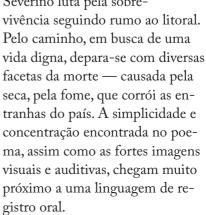
Macunaíma, de Mário de Andrade

Redigido em seis dias, *Macunaí-ma* é considerado a obra mais expressiva do modernismo brasileiro. Fundindo lendas indígenas com a cultura da metrópole, o livro foi influenciado pela leitura que Mário de Andrade fez da obra do antropólogo alemão Theodor Koch-Grünber, que havia estudado as lendas e os mitos brasi-

leiros. Macunaíma, o personagem principal, sai da selva amazônica, onde vivia preguiçosamente de comida e sexo, e vai para São Paulo a fim de recuperar a muiraquitã — talismã que dele foi furtado. Durante todo o trajeto na cidade grande, são muitas as metamorfoses pelas quais passa o protagonista e outros seres folclóricos do livro. A obra veio a romper com o tempo e espaço dos romances tradicionais da época. A solenidade do tom épico-lírico, a leveza da crônica cômica, a sem-cerimônia e os atrevimentos da paródia, fizeram do livro uma das mais ousadas e eficientes experiências formais da primeira geração do modernismo brasileiro.

Morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto

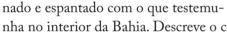
Lançado originalmente no livro *Duas águas*, em 1956, *Morte e vida Severina* é um longo poema que harmoniza forma e temática social de maneira exemplar. Retirante do agreste devido à seca e miséria paraibana, Severino luta pela sobre-





Os sertões, de Euclides da Cunha

O romance Os sertões surgiu de uma reportagem encomendada pelo jornal O Estado de S. Paulo. Encarregado de cobrir a Guerra de Canudos (1896-1897), Euclides da Cunha descreve a geografia e a população do sertão baiano em seu livro, publicado em 1902. Sob o plano da objetividade científica, o autor não deixa de ficar indig-



nha no interior da Bahia. Descreve o contraste cultural nos dois "Brasis": o do sertão e o do litoral, criticando o nacionalismo exacerbado da população litorânea. É um relato que incomoda por mostrar os séculos de atraso e miséria da região. Com a descrição rigorosa de um observador e grande habilidade na construção de imagens, Euclides em seu Os sertões influenciou várias gerações de autores e foi considerado a base de um regionalismo mais maduro que viria influenciar nomes como Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

São Bernardo, de Graciliano Ramos

Publicado em 1934, antes de Vidas secas, São Bernardo é considerado um dos mais famosos romances brasileiros. O narrador e protagonista, Paulo Honório, faz uma retrospectiva de sua vida, rememorando seus dias desde guia de cego até proprietário da tão cobiçada fazenda São

Bernardo. Tratando de uma tragédia rural, o narrador escreve com um único e claro objetivo: compreender a razão do suicídio de sua esposa, Madalena, por meio de suas lembranças e análise dos fatos. Nessa tragédia rural, o estudo psicológico feito pelo romancista tornou-se um dos mais exemplares da literatura brasileira. O último capítulo do livro, encerra São Bernardo de modo perturbador: sem conseguir dormir, sozinho, o protagonista faz as contas da própria existência.



Q → CLASSICOS BRASILEIROS → Q

OS SERTÕES

Table 1280

O cortiço, de Aluísio de Azevedo

O romance foi publicado em folhetins por volta de 1890. Transformando o espaço coletivo de um cortiço no personagem central de sua história, Azevedo conta, por meio dos moradores da estalagem, a ambição e exploração do homem pelo homem. Abolicionista, anticlerical e crítico da sociedade maranhense, o autor fala mais fundo ainda ao descrever toda a sujeira, podridão e promiscuidade criticamente, mostrando a miséria do proletariado urbano e posicionando-se de maneira solidária junto ao povo do cortiço.



Vidas secas, de Graciliano Ramos

Vidas secas, publicado em 1938, é o romance mais estudado e lido de Graciliano Ramos. O romance também tornaria o autor o maior prosador do chamado regionalismo da Geração de 30. O personagens do livro fazem parte de uma família de retirantes que se lança do sertão nordestino em busca de uma vida melhor na cidade grande. Os personagens Fabiano e a cachorra Baleia, de tão fortes, entraram para o imaginário popular brasileiro, pois são caracterizados como criaturas em constante embate com o meio, hostil e degradante. A ausência de linguagem, de comunicação entre os familiares durante a jornada, deixa transparecer a insegurança e falta de fé na caminhada agonizante que eles realizam, utilizando a força imagética da angústia de uma cadela e seu sacrifício.

Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa

Grande sertão: Veredas é a uma narração em primeira pessoa das aventuras de Riobaldo pelo sertão mineiro. O protagonista conta sua vida a um "senhor" cuja identidade permanece oculta no livro. Riobaldo anseia por negar a existência do demônio, com quem fez uma pacto para matar o jagunço do bando rival, Hermógenes. Repleto de neologismos, arcaísmos recuperados e linguagem coloquial, Grande sertão: veredas revela o Brasil profundo por meio de uma narrativa ao mesmo tempo, lírica e selvagem.



Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro

Com mais de 700 páginas, Viva o povo brasileiro ganhou as prateleiras em 1984. Recontando com maestria pouco mais de três séculos de uma anti-história do Brasil, o romance épico por excelência está centrado na ilha de Itaparica — campo de batalhas indígenas e grandes farras antropofágicas, devastado no século 17 pela infantaria holandesa. A fim de construir uma identidade do povo brasileiro, o autor utiliza paródias e o uso de diferentes registros, como o culto e o popular, o lusitano e o nacional. Os personagens do romance são os excluídos da história oficial: negros, índios, portugueses e holandeses, que representam a recontagem critico-satírica da história do país, denunciando a devassidão presente no processo de formação do povo brasileiro. Incorporando fragmentos de documentos orais e escritos, o livro exalta os "heróis de nossa gente", apresentando diversas nuances de nossa evolução, tornando-o uma das obras mais significativas, do ponto de vista estilístico e político, da literatura contemporânea brasileira.



CAPA | ENSAIO

Antecipação do futuro ou apropriação do presente?

José Luís Jobim, professor da UERJ, discute de que forma a ficção e os escritores dialogam com a realidade que os cerca

> llustração: **Rafael** Campos Rocha



literatura antecipa questões ou se apropria de temas que estão no imaginário social? Esta é uma pergunta que poderia ser desdobrada em outras: Quando leio um texto, descubro algo sobre o mundo presente, que a obra desvenda, descobre, revela? Ou recebo do texto uma proposição antecipadora de um estado futuro desse mundo, que não fazia parte do imaginário social que conheço?

Eu responderia com um sim às duas últimas perguntas, inclusive porque há textos que podem servir ao mesmo tempo para a apropriação e a antecipação.

Em Memórias póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis empregou uma técnica de representação da classe dominante na capital do Império que consistia em falar "de dentro" da visão daquela classe, expondo a consciência de um membro privilegiado dela: Brás Cubas. Como o narrador declara-se morto, sua narrativa pode ter um toque de franqueza crua, ao falar sobre as motivações de suas ações e de seus contemporâneos. Desse modo, a obra pode desvendar, descobrir, revelar uma série de elementos importantes para o entendimento do comportamento daquela classe no século XIX, mostrando como um certo imaginário daquela sociedade remete a uma herança real e determinada que está presente na própria constituição histórica dos sentidos que circulavam nela, como horizonte de possibilidades de explicação e justificativa para a vida social. Por outro lado, Machado também anteviu uma série de consequências que a estruturação do Estado brasileiro para beneficiar uma parcela privilegiada da população iria gerar. Hoje, quando as manifestações de rua parecem apontar para uma dissociação entre as formas de representação política e suas bases sociais, é interessante assinalar como o personagem--narrador das Memórias póstumas antecipa um certo descompromisso com a sociedade, por parte de quem deveria representá-la. Brás Cubas queria ser deputado apenas para ficar em evidência, e sua proposta mais marcante no legislativo foi a de diminuir a barretina da guarda nacional, o que de algum modo parece prever as milhares de propostas absolutamente irrelevantes apresentadas por legisladores depois.

No famosíssimo livro 1984, publicado em 1949, George Orwell aborda questões que estão na ordem do dia, como os sistemas de vigilância, que envolvem desde redes de câmeras em locais públicos e privados até o controle de informações que circulam na internet, controle que está muito em evidência desde as denúncias recentes de um ex-empregado de agência estatal norte--americana, afirmando que os Estados Unidos mantêm um vasto sistema de espionagem no meio digital. Como sabemos, no livro de Orwell o big brother (que hoje dá nome a um reality show de sucesso no Brasil) era o supremo mandatário, uma espécie de ditador apoiado em técnicas de marketing político de massas, homem de meia-idade, de bigodão preto e feições rudemente agradáveis, cujas características também lembram pelo menos dois contemporâneos famosos daquele autor: Stalin e Hitler. Assim, se 1984 antecipa aspectos do futuro, também desvenda, descobre e revela aspectos das sociedades sob regimes totalitários, vigentes na época de sua escrita. O slogan desses regimes, ou o dos sistemas de vigilância contemporâneos nossos, poderia muito bem ser o mesmo daquela obra: "O Grande Irmão está de olho em você".

Se quisermos ainda outro exem-

plo famoso de obra que se dirigia ao futuro, mas olhando para o presente de sua época, podemos mencionar a obra de Thomas Morus (1478-1535) que gerou o uso da palavra utopia, cujo sentido hoje remete a algo ideal (ausente agora, mas desejável no futuro), algo que a imaginação elabora, inclusive com o sentido colateral de quimera, sonho, fantasia. De fato, Utopia foi título da obra em que aquele autor inglês ao mesmo tempo fez uma crítica à sociedade de seu tempo e imaginou uma sociedade ideal, que evitaria as injustiças e misérias do seu presente.

Na Utopia o leitor inglês podia encontrar uma proposição de mundo constituído de modo diferente da Inglaterra de então, habitá-lo ficticiamente e imaginar uma vida melhor do que a vigente no lugar que de fato habitava. Desse tipo de relação do leitor com obras como a de Thomas Morus pode resultar uma nova maneira de ser no mundo da realidade cotidiana, permitindo o surgimento de ações que levem à alteração efetiva do mundo real, para que se pareça mais com o mundo ficcional.

No caso da literatura em geral, uma de suas qualidades mais apontadas é a capacidade de criar novos horizontes, de prover acesso a uma versão de mundo que vai além do que conhecemos. A vivência de mundos ficcionais e a apreensão dos interesses, objetivos, projetos e quadros de referência destes mundos pode alargar o horizonte do nosso mundo conhecido. Claro, quando pensamos em tipos de texto como a Science Fiction, podemos dar mais relevância à projeção do futuro configurada neles, mas quero lembrar aqui que, se pararmos para examinar mais detidamente estas espécies de texto, podemos verificar, tal como em 1984, que as projeções do futuro se enraízam no presente.

CAPA | ENSAIO

No que diz respeito à apropriação de temas que estão no imaginário social, a primeira pergunta que poderíamos fazer é sobre o grau de dependência em relação a esse imaginário. Se o texto apenas pretende ater-se à maneira de perceber e definir o âmbito do real nos termos em que esse é compreendido em certo instante, pode até ser considerado "realista" porque constrói um mundo que é, de alguma forma, visto como referente ao mundo real.

Nesse sentido, o Realismo como escola literária do século XIX tinha lá as suas especificidades (e incluo aí a sua costela naturalista, como parte de um mesmo corpo doutrinário, embora mais radicalizado). Claro, a primeira especificidade estava relacionada à crença programática na reprodução da realidade na obra literária. Hoje, esta ideia de uma representação absolutamente "realista" está em xeque sob inúmeros aspectos, a começar pelo fato trivial de que o elemento constitutivo da obra literária é a linguagem, e temos dificuldade de aceitar que a linguagem é apenas algo transparente, através de que seria possível mostrar a realidade "tal como ela é". Afinal, contra esta hipótese haveria uma série de perguntas que se poderiam formular: Como poderia a realidade, tal qual ela existe ou existiu, ter existência também na linguagem, a não ser que imaginássemos que não há diferença entre a realidade e a linguagem? Se o discurso sobre a realidade é sempre posterior à percepção da realidade, a própria temporalidade posterior deste discurso em relação ao que se percebe como realidade não geraria também uma diferença? A ideia de reprodução da realidade na substância da linguagem não estaria em contradição com a própria

diferença material entre a realidade e a linguagem?

As perguntas poderiam multiplicar-se ilimitadamente, se quiséssemos nos estender, mas não é este o caso, aqui. Se retornarmos ao período literário que no século XIX compreendeu o Realismo/Naturalismo, veremos que a produção literária deste período apresentou também uma série de constantes: no que diz respeito ao gênero, uma preponderância do narrativo; no que diz respeito aos temas, um predomínio do contemporâneo; no que diz respeito às formas de saber, uma pretensão à incorporação das "novidades" (positivismo, darwinismo, fisiologismo, etc.). Claro, a relação com formas de saber prestigiosas no oitocentos não escondia as pretensões do discurso realista/naturalista. De algum modo os autores daquela escola supunham estar não somente reproduzindo o real, mas também dando ao leitor um conhecimento sobre ele.

Se hoje consideramos o substrato daquele suposto conhecimento como datado, como pagando um pesado tributo a uma certa ciência daquela época (em grande parte ultrapassada) com seus pressupostos deterministas e mecanicistas, é sempre bom lembrar que naquela época não era esta a visão.

E no que diz respeito à escrita literária, interessa-nos assinalar aqui que a escola realista/naturalista engendrou um certo modo de escrever para criar um efeito de real. Este modo de escrever incluía, entre outras coisas, procedimentos descritivos exaustivos que supostamente concretizariam a imitação do real, através de um inventário detalhado de seus elementos componentes.

No entanto, a narrativa realista/ naturalista tinha entre suas metas a de oferecer ao leitor mais do que uma experiência estética, pois supunha estar dando a este leitor também um conhecimento sobre a realidade. No caso dos romances, esta suposição entrava em conflito com a própria ficcionalidade dos personagens, mas podia ser resolvida de forma ao menos parcialmente satisfatória com a observação de que os personagens específicos podiam não ser "reais", mas o tipo humano e social que representavam era, assim como as situações em que se encontravam no mundo ficcional, as quais encontrariam correlatos no mundo real.

Hoje sabemos que esta atitude dos escritores diante do real, esta ideia de representação ou imitação do real aparece em outros momentos posteriores ao século XIX, estando presente inclusive no quadro das crenças ainda vigentes para os escritores do século XXI, embora as técnicas literárias correlatas a esta ideia não sejam as mesmas do período realista/naturalista. Provavelmente os autores daquele período dos oitocentos teriam uma dificuldade muito grande de entender, por exemplo, os rótulos de realismo mágico ou maravilhoso, criados para explicar uma certa literatura hispano-americana do século XX. Afinal, como poderiam aqueles autores realistas-naturalistas entender rótulos cujos próprios termos constituintes, para o olhar do século XIX, estariam em franca contradição entre si?

No século XXI, entretanto, as contradições são outras... e a conversa sobre elas certamente é muito longa. ■

José Luís Jobim é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Seu livro mais recente é Literatura e cultura: do nacional ao transnacional. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

REPORTAGEM | MEMÓRIA LITERÁRIA

Passado desconhecido

Acervo de autores paranaenses da Biblioteca Pública revela memórias de diversas editoras curitibanas de literatura. Mesmo diante da aridez do mercado local. editoras como a Guaíra e a Criar atingiram reputação nacional

FRANCO CALDAS FUCHS

história ainda está para ser contada e, certamente, daria um bom livro. Afinal, até o momento não há estudos aprofundados que analisem a trajetória das editoras curitibanas dedicadas à literatura. Enquanto isso, há quem se satisfaça com o senso comum de que a capital paranaense não possuiu uma tradição editorial comparável a de Porto Alegre ou a do Rio e São Paulo. Porém, uma visita à divisão de autores locais da Biblioteca Pública do Paraná revela uma série de livros de valor, impressos na cidade, apesar das inúmeras dificuldades do mercado local.

As coleções publicadas pela pioneira Editora Guaíra, e que atingiram



O romancista Roberto Gomes esteve à frente da editora Criar, que publicou autores como Paulo Leminski.

Sempre haverá autores que sonham ter livros por editoras de fora, de grande porte, e outros que vão buscar as locais. Muitas vezes, uma editora menor atende melhor um autor estreante do que uma editora nacional, que está mais preocupada em dar atenção para quem já tem um nome no mercado."

Thiago Tizzot, escritor e editor da Arte & Letra







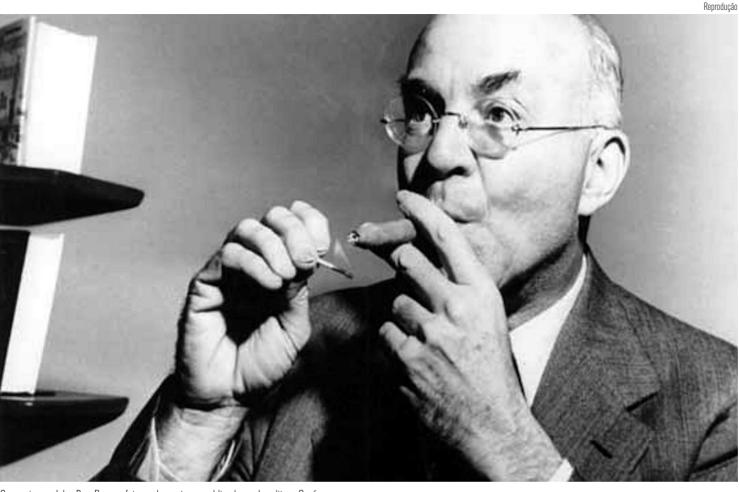


fama nacional entre os anos 1940 e 1950, costumam ser os exemplos mais lembrados por pesquisadores e literatos. Mas há outras iniciativas que merecem ser garimpadas. A começar pelo Grupo Editorial de Renovação do Paraná (GERPA), a partir da década de 1940, sem falar nos livros editados pela O Formigueiro, do advogado e escritor Vasco Taborda (1909-1997). Outros selos editoriais efêmeros também viabilizaram a produção de escritores importantes em início de carreira. Na década de 1970, a Editora Hoje lançou uma coleção em formato pocket de Jamil Snege (1939-2003), Manoel Carlos Karam (1947-2007) e Walmor Marcelino (1930-2009). Já a editora Beija-Flor, de Werner Zotz, lançou, entre outras obras, a antologia de poetas curitibanos (como Marcos Prado e Thadeu Wojciechowski) Os Reis Magros, em 1978.

Mercado aquecido

Dentre todas essas iniciativas, a Criar Edições (atualmente com lançamentos suspensos) foi a editora que mais se destacou no cenário local. Criada em 1981 por Roberto Gomes, Cristovão Tezza e Iria Zanoni, em 1986 ela atingiu o 50° lugar em um ranking das 100 maiores editoras brasileiras. Além de lançar obras dos próprios editores, como O terrorista lírico, de Tezza, e Sabrina de trotoar e de ta-

REPORTAGEM | MEMÓRIA LITERÁRIA



O americano John Dos Passos foi um dos autores publicados pela editora Guaíra.

cape, de Gomes, a Criar lançou, nesse período, obras de vários outros escritores, como Wilson Bueno (Bolero's bar), Alice Ruiz (Nuvem feliz) e Paulo Leminski (Anseios crípticos).

"A editora foi muito bem até 1989. Chegamos a ter 11 funcionários e assustamos muita gente. Diferentemente de hoje, era um tempo em que a leitura era mais voltada para os autores brasileiros. As obras eram veículos de expressão política e também havia mais espaço para a crítica de livros na imprensa", lembra Roberto Gomes.

Para Tezza, a Criar — assim como a CooEditora, cooperativa de autores da qual ele e Gomes fizeram parte até 1980 -, foi, por um tempo, uma alternativa real às grandes editoras. "Naqueles anos, Curitiba criava um profundo sentimento de solidão para os escritores por sua falta de editoras realmente representativas. Era

muito difícil sair da província naqueles anos. Ser editado em São Paulo e Rio era uma espécie de Graal dos escritores fora do eixo", diz ele, hoje autor da Record, sobre o curto período de tempo como editor.

Professor de Literatura Brasileira na UFPR e ex-diretor da Editora UFPR, Luís Bueno destaca também o papel da Criar e de outras casas editoriais que até hoje dão voz a autores locais, a exemplo da Travessa dos Editores, criada em



Responsável pela Editora Guaíra, Oscar Joseph de Plácido e Silva (1893-1963) foi também empresário, advogado, professor e escritor. Escreveu, entre outras obras, o romance Ódios da cidade, e livros iurídicos como Comentários ao Novo Código de Processo Civil.

1994, por Fábio Campana. "Independentemente das dificuldades, é importante lembrar que muitas carreiras literárias se viabilizaram a partir da cidade. Vale pensar casos como o de Valêncio Xavier ou de Jamil Snege, autores que têm peso na literatura do seu tempo. Jamil, por exemplo, não foi provinciano, embora editado apenas na província", observa Bueno.

Presente e futuro

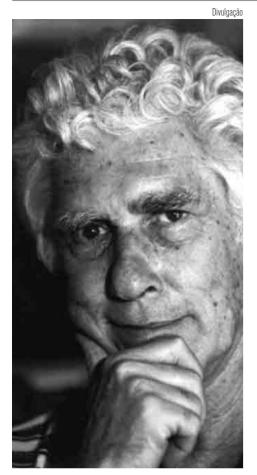
Entre editoras jurídicas, como a Juruá, e de materiais didáticos e infantojuvenis como a Editora Positivo, o universo atual das editoras curitibanas voltadas para a literatura adulta parece um tanto nebuloso. O Sindicato das Empresas de Edição e Distribuição de Livros e Similares do Paraná (Sindilivros) não sabe precisar quantas e quais atuam











Valêncio Xavier publicou grande parte de sua obra em editoras paranaeses

nesse segmento de modo regular. Nesse mercado, porém, é possível identificar iniciativas surgidas na primeira década de 2000, que até o momento perseveram, mantendo uma linha editorial coerente. A Editora Arte & Letra, do editor e escritor Thiago Tizzot, assim como a Kafka, do também editor e escritor Paulo Sandrini, são exemplos disso.

Com estrutura enxuta, oferecem livros caprichados e mesclam em seus catálogos autores novos e consagrados, a exemplo de Luiz Felipe Leprevost e Manoel Carlos Karam.

"Nós nunca quisemos ser como as grandes editoras nacionais, cheios de selos, que vão incorporando editoras menores. Preferimos pensar num formato menor, porém com mais qualidade. Isso funciona melhor para Curitiba e é, inclusive, um modelo que se espalha pelo Brasil", diz Tizzot, autor de O segredo da guerra.

Mostrar que é possível lançar boas obras localmente, sem depender do eixo de grandes casas editorais, foi o desejo que impulsionou Sandrini a se aventurar no mercado editorial a partir de 2005. Apesar de enfrentar um ambiente hostil, marcado "por vistas grossas da imprensa", ele afirma que o prazer de difundir livros e autores "meio esquecidos" o faz insistir na batalha. Entre outros lançamentos, Sandrini anuncia, em breve, a publicação de romances de André Knewitz, João Paulo Partala e Homero Gomes. "A Kafka possui muitas qualidades, mas as grandes livrarias e distribuidoras dificultam a vida para termos os livros em suas prateleiras. E o público não consome literatura local", afirma o autor de O rei era assim.

Também com essa percepção, Tizzot informa que a maior parte dos produtos da Arte & Letra, que vão de revistas literárias a livros artesanais, é vendida fora de Curitiba, especialmente em livrarias do Rio e São Paulo: "Aqui o Estado e a prefeitura também têm uma politica muito fraca de aquisição de livros. Vendemos mais para o governo de São Paulo do que o do Paraná".

Descompasso

Para os editores é angustiante perceber que as editoras disponíveis não dão conta de atender os escritores locais. "Há muitos autores e uma cultura de escrita crescente em Curitiba. As políticas de incentivo às publicações deveriam ser mais estimuladas, com prêmios literários e bolsas de produção", opina Sandrini.

Tizzot, porém, argumenta que apenas uma multiplicação do número de editoras não equilibraria a equação da literatura, sem um aumento expressivo do número de leitores. "A leitura da produção local deveria ser mais fomentada nas escolas e universidades. No fim, editoras, escritores e leitores precisam caminhar juntos. Um não vive sem o outro", ressalta Tizzot.

Editora Guaíra disputou o mercado nacional entre os anos 1940 e 1950

FRANCO CALDAS FUCHS

A briga foi boa. Entre a década de 1940 e 1950, a Editora Guaíra disputou leitores com as grandes casas editorias do país, como José Olympio, Civilização Brasileira e Editora Globo (de Porto Alegre). Naquela época, o curitibano que entrasse, por exemplo, na Livraria Ghignone, encontrava uma série de obras importantes, nacionais e estrangeiras, impressas na capital, pela Guaíra. Música do Brasil, de Mário de Andrade (1893-1945), assim como A esperança, de André Malraux (1901-1976), e a Trilogia U.S.A., do americano John Dos Passos (1896-1970), são exemplos dos múltiplos títulos selecionados pelo editor Oscar Joseph de Plácido e Silva (1893-1963).

Alagoano radicado em Curitiba, De Plácido e Silva foi professor, advogado e escritor. Ao lado de Benjamin Lins, fundou o jornal Gazeta do Povo, em 1919. A abertura da sua Editora Guaíra no início da década de 1940, com a iniciativa de lançar sistematicamente coleções de qualidade, em diversos gêneros como ensaio, romance, conto e biografia, foi uma ação pioneira no Estado. Em sua melhor fase, a editora publicou uma média de 40 títulos novos ao ano, merecendo, por isso, destaque no clássico O livro no Brasil, principal estudo sobre a história do mercado editorial nacional, feito pelo pesquisador inglês Laurence Hallewell.

"Mesmo depois de fechada, a editora continuou sendo lembra-

da por muitos editores e intelectuais brasileiros, a exemplo de Jacó Guinsburg e Augusto de Campos, como um símbolo do Paraná", diz Leilah Santiago Bufrem, pós--doutora pela Universidad Autónoma de Madrid e autora de um artigo sobre a Guaíra. Do fim dos anos 1940 até 1955, a editora também publicou mensalmente e com alcance nacional a Revista Guaíra, que reuniu uma série de colaboradores de peso, como Rubem Braga, Joel Silveira e Rachel de Queiroz.

Todos esses feitos são ainda mais impressionantes levando em conta as dificuldades de se manter uma editora em um período turbulento pela Segunda Guerra Mundial e marcado por crises institucionais e políticas no Brasil.

Localmente, De Plácido e Silva teve ainda que enfrentar muitas críticas por publicar textos que refletiam sobre questões sociais. "A formação dos paranaenses sempre foi muito de direita, e De Plácido e Silva tinha uma linha ideológica de esquerda, publicando obras como OABC do comunismo, de Bukharin", observa Leilah.

A diminuição de contratos publicitários para sua revista, dificuldades de importação de papel e, finalmente, o incêndio da sua oficina encerraram a trajetória da Guaíra em 1961. Morto dois anos depois, De Plácido e Silva entraria para a história como um dos maiores editores do Paraná. "Em conjunto, as ações dele ajudaram a superar um 'ilhamento cultural' que até então acometida o Estado", afirma Leilah.

INSTITUCIONAL

Pesquisa inédita mostra perfil do usuário da BPP

Além de dados sobre frequentadores da Biblioteca, estudo revela as atividades que mais agradam aos frequentadores

DA REDAÇÃO

ela primeira vez em 156 anos de história, a Biblioteca Pública do Paraná realizou uma pesquisa que traça o perfil de seu usuário e revela o grau de satisfação do público com os serviços prestados pela instituição.

Para realizar o estudo, a empresa Datacenso Instituto de Pesquisa fez, entre 11 e 17 de junho, 350 entrevistas, que revelaram um alto índice de satisfação dos usuários, com mais de 90% dos entrevistados considerando "muito bom" os serviços prestados pela BPP. As atividades que mais agradam os frequentadores são: "programação cultural" (96,2%), "empréstimo de livros" (96%) e "atendimento geral" (95,7%), item que engloba tópicos como "cortesia", "presteza" e "atenção". "Ouvidoria" (78, 8%) e "tecnologias" (74%) estão entre os serviços com maior grau de insatisfação.

O acervo de 630 mil volumes — que inclui, além de livros, discos, mapas, fotos e outros documentos — é excelente para 90% dos leitores. Frequentador assíduo da BPP há mais de dez anos, o aposentado Dermival de Assis elogia a riqueza do catálogo da biblioteca. "O acer-



A programação cultural foi um dos destaques da pesquisa. Na foto, José Castello comanda oficina de romance, realizada em abril deste ano.

vo de jornais, revistas é bastante atualizado. Gosto também da diversidade de filmes disponíveis na seção Multimeios", comenta. A ressalva mais constante é em relação aos livros técnicos, de áreas como Direito, Medicina e Psicologia, apontados como uma lacuna do acervo. A enfermeira e professora Ana Cláudia Oliveira, de

24 anos, sugere que os livros mais recentes da área da saúde — disponíveis apenas para consulta local — sejam liberados também para empréstimos.

"O que chama atenção na pesquisa é o alto índice de satisfação dos usuários. Isso não é comum quando se trata de um órgão público", diz Cláudio Shimoyama, diretor da Datacenso. "É possível destacar, também, que esse grau de satisfação se estende a vários grupos de frequentadores, tanto os mais jovens, como os mais velhos."

Programação cultural

Destaque da amostragem, a programação cultural da Biblioteca Pública



do Paraná tem sido intensificada desde o início de 2011. Diariamente, são realizados vários eventos, que vão desde bate-papos com escritores a shows musicais, além de uma grande programação voltada ao público infantojuvenil. Grandes escritores brasileiros já passaram pela BPP, seja para ministrar cursos sobre escrita criativa ou para falar sobre livro e leitura no projeto "Um Escritor na Biblioteca", iniciativa que já faz parte do calendário cultural da cidade. Somam-se a isso, oficinas de ilustração para jovens e crianças e peças de teatro com temáticas infantojuvenis (projetos "Aventuras Teatrais" e "Aventuras Musicais"), contação de histórias e eventos direcionados a portadores de deficiência visual. Um exemplo de usuário atraído pelas iniciativas culturais é o estudante Alysson Santos, de 17 anos, que frequenta a BPP em busca de novas edições do jornal Cândido. "Ao menos uma vez por mês venho pegar exemplares do Cândido, além do meu interesse pelo mundo da literatura, gosto da tranquilidade e do ambiente da Biblioteca."

Já a questão tecnológica, um dos pontos fracos da Biblioteca apontados pelos entrevistados, é uma prioridade, segundo Rogério Pereira, diretor da BPP. "Em 2012, conseguimos realizar uma grande reforma na rede lógica e elétrica do prédio, que foi trocada e expandida, o que possibilitou a implementação da internet sem fio, outra antiga reivindicação dos usuários. Desde o ano passado, também temos um novo site, que é alimentado diariamente com notícias sobre nossos projetos. No final de julho inauguramos a Biblioteca Online, uma sala com nove computadores com acesso gratuito à internet, que foi totalmente reformada", diz.

Pereira lembra também que ainda neste ano devem iniciar as obras para a reforma total do prédio histórico da Cândido Lopes. O projeto para a revitalização, assinado pelo arquiteto Manoel Coelho, prevê mudanças arquitetônicas e funcionais em toda a Biblioteca, que abrigará um café e um espaço maior para exposições e lançamentos de livros.

Em julho deste ano, depois de seis décadas, os antigos fichários foram retirados e a busca ao catálogo informatizada. Com a reforma, pequenas ilhas com computadores para consulta ao acervo estarão disponíveis em todos os andares do prédio.

Perfil do usuário

A pesquisa também trouxe um olhar sobre o usuário da BPP. Grande parte das 3 mil pessoas que passam diariamente pela Biblioteca são frequen-

O que os usuários querem na BPP

A atualização constante do acervo e a melhora tecnológica do prédio estão entre os serviços que os usuários mais gostariam de ver na Biblioteca Pública do Paraná. Em relação ao catálogo, a principal lacuna apontada por leitores se refere a livros técnicos, além de uma maior quantidade de títulos em espanhol e inglês. Também foram sugeridas outras mudanças, como a implementação de uma cafeteria, com espaço para alimentação, além do horário de funcionamento estendido no sábado à tarde e aos domingos pela manhã. O diretor da BPP, Rogério Pereira, diz que o resultado da pesquisa será debatido com todos os funcionários da Biblioteca, que vão analisar os números e possíveis pontos de melhoria. "Todas as sugestões são pertinentes. Algumas delas já estavam em nossa pauta, outras não. Há três anos, por exemplo, implementamos uma política de compra de livros. Desde então, a Biblioteca já comprou mais de 20 mil títulos. Ainda este ano, está prevista a compra de RS 1 milhão em livros. Também reunimos uma comissão com professores de universidades da cidade para nos auxiliar na compra de títulos técnicos", diz Pereira.

tadores assíduos. "É interessante notar que as pessoas passam muito tempo no local. Estudantes, por exemplo, ficam até quatro horas diárias na Biblioteca", explica Cláudio Shimoyama.

As mulheres são maioria entre os usuários (60%). A faixa etária varia entre 16 e 35 anos (69%) e a renda familiar vai de R\$ 1.800 a R\$ 6.200. A maioria é solteira (72%), não possui filhos (74%) e mora em Curitiba (78%). no centro da cidade e em bairros como Água Verde, Boqueirão, Cajuru e Campo Comprido.

EM BUSCA DE CURITIBA | ANTONIO CESCATTO



Ana está pensando. E no que ela pensa, exatamente? Ora, no que todos pensam quando refletem sobre esse tipo de coisa: amor, traição, banalidades. É assim que a coisa vem para Ana: confusa, desarticulada, imprevisível. Principalmente quando se trata dela e de João.

Sentada na mesa da sala, com as mãos nos olhos, ela não vê os prédios empilhando-se no Champagnat. Ana olha para dentro, articula, levanta hipóteses, tira conclusões. Entre todas, a conclusão que lhe parece mais importante neste momento é esta: João é um paradoxo.

Sim, essa é a melhor explicação, se é que *explicação* é uma palavra que se aplica a um paradoxo. João. Um paradoxo. Não há outra forma de defini-lo.

Ele sempre parece certo; até que é tomado pela dúvida. Então torna-se irritado, impaciente. Já tiveram várias fases. Teve aquela do *não sei porque estamos juntos*. Depois veio a outra, a do *aonde vai nos levar essa coisa toda*?

Nesse instante, eu não sei o que dizer para João, ela pensa. Tenho vontade de mandá-lo ir tomar um banho, preparar alguma coisa, mas prefiro não dizer nada. Vou lá e faço. Antes assim.

Pronto. O macarrão está na mesa. Alho e óleo, como você gosta. Não vem jantar? Pelo menos abra o vinho. Não é isso que cabe a um homem: o vinho, as contas — e o que mais, mesmo? Carmenére? Sim, gosto. Prefiro aos mais densos, disso ele sabe. Uva leve.

João come sem olhar para mim. No que ele pensa? Que importa. Já não ligo para o que ele pensa ou deixa de pensar. Ou pelo menos gosto de acreditar nisso.

Quem disse que vida a dois é fácil? Mas também é melhor do que viver sozinho.

Será mesmo?

Às vezes penso que não. Mas quando olho essa gente triste, com seus gatos, ou suas viagens intermináveis —

bem, tem gente que diz que não troca isso por nada.

Já quem vive a dois prefere não abrir a boca (na maior parte das vezes, se você me entende). Melhor do que ficar revelando cobras e lagartos, correr o risco dos clichês, tudo tão patético.

Nunca são apenas dois. São, no mínimo, seis. O casal e os casais de cada respectivo. Isso, pai e mãe, se você me entende. E tudo que ficou guardado nas gavetas.

Porque existem as gavetas. Tem a gaveta do positivo e a gaveta do negativo. O problema é que os conteúdos das gavetas se misturam. Foi uma boa explicação, essa do Doutor Magno. Os conteúdos se misturam e as gavetas começam a atirálos na sua cara. Um tiroteio, se você me entende. Você recebe petardo dos dois lados, não sabe mais o que é da sua gaveta e o que é da gaveta dele.

Tão simples a fórmula: o positivo e o negativo. Até que se misturam. O bóson de Higgs, não é isso?, que explode em milhares de estilhaços.

Somos nós.

Os dois, agora, estatelados na frente da TV.

Deutsche Welle.

O programa é sobre turismo. Turistas visitando castelos alemães. Aparece o casal-guia da excursão. Uma japonesa e um alemão. Falando português. No canal alemão. Bizarro.

A explicação (teimei com essa palavra, não sai da minha cabeça): ela, japonesa de São Paulo. Liberdade. Ele, de Dusseldorf. Casaram. Ele aprendeu a língua dela (português, no caso). Férias na Alemanha. Guias da Deutsche Welle.

O mundo é cada vez mais bizarro.

Imagine a cena, João: uma família no carro, entrada de shopping. Homem aperta botão, sai o cartão e a voz gravada: "Sejam bem-vindos ao *shopping* tal...". Só que em japonês. Não seria um bom comercial?

João a olha de lado.

Porque você insiste em ser criativa? Não é a tua área. Não é a tua praia, se é que você me entende. E ele diz isso com uma ponta de ironia nos lábios, como se denunciasse a minha expressão favorita.

Tá, eu admito que uso muito isso — se você me entende. E que a tradução do inglês é chula. *If you know me* é bem diferente de *Se é que você me entende.* Mas não vamos cair naquele porre de discutir o que é e o que não é tradução. Transdução, qualquer dia vão inventar o termo.

Papo de universidade. Conversa de professor. Palavras são coisas diferentes em línguas diferentes. Não podem dizer a mesma coisa para um brasileiro e para um americano, ou para um inglês, se você me entende.

Tudo isso eu digo para mim.

Prefiro não dizer para ele.

Bebemos o último gole de vinho e vamos para a cama. Ele pega um livro de aforismos e começa a ler. No terceiro aforismo já está dormindo. Coitado, trabalha tanto. Virou duas noites por causa de uma campanha. Estranho isso, virou duas noites. Eles adoram. Sentem-se mais potentes, poderosos, se você me entende.

Eu fico olhando pro teto tentando entender a que me leva tudo isso. Por que eu não tenho vontade de dizer nada para o João.

O que vou fazer amanhã?

Tem o banco, tem a máquina de lavar roupa, tem aquela reunião chata com aquele cliente insuportável. E tem o almoço. Não posso esquecer de ligar.

De repente começo a sentir tesão, não sei porque, não sei de onde, não sei o motivo. Eu não deveria sentir tesão assim, sem o menor motivo. Talvez fosse melhor esquecer, apagar, dormir. Mas meu dedo age em direção contrária. A excitação vai aumentando. Nem o ronco de João é capaz de me perturbar. Ele nunca vai curar desse ronco, mesmo. Tudo que eu sugeri pra ele fazer, ele não fez. Pensei até em camas separadas, mas essa cama é tão boa e comprar outra igual é muita grana. Co-

EM BUSCA DE CURITIBA | ANTONIO CESCATTO

meço a gemer baixinho; meu corpo dobra; seguro o gemido pra não gritar quando começo a gozar. João se vira na cama. Para de roncar. Mas continua dormindo. Eu viro para o lado e durmo também.

2.

Sabe o que eu mais admiro em você?, João pergunta, no momento em que Bárbara larga a aquarela e senta na cama. Não, Bárbara responde, mexendo nos cabelos, me diga. Você não tem pena de ninguém.

João tinha acabado de contar a história triste de um amigo cujas fontes seguras de renda haviam se evaporado com as mudanças eleitorais recentes, deixando-o diante de um labirinto insuperável; Bárbara não tinha movido um músculo com a história: e ainda fez questão de perguntar: E qual o teu grau de felicidade diante disso?

Ioão sentiu-se no ar diante da reação. Era ele, afinal, que tinha falado tão mal do amigo durante toda a campanha, queixando-se das artimanhas que ele utilizava para definir o rumo de alguns programas. Por que vinha agora com aquela conversa fiada sobre a situação periclitante?, ela parecia dizer.

Era isso que o atraía nela. Não tinha complacência com os sentimentos verdadeiros. Via, dentro deles, um movimento de massas disformes, sem controle, disfarçadas por preocupações nobres com o outro. Ora, o outro deixava de existir quando ela vinha com seus aforismos de perplexidade, sua forma rude de desmon-

tar as máquinas humanas mais complexas. João sentia-se desarmado e forte ao mesmo tempo. Comparada a Ana, ela era instigante, contundente, mordaz. Não sabia porque, mas aquilo exercia um poder muito forte sobre ele.

Com uma simples palavra, ou mesmo com um silêncio, seguido daquele olhar desconcertante, Bárbara o hipnotizava. Era essa a a palavra: hipnotismo. Ela não se importava em olhar nos olhos depois de dizer o que dizia. E o olhar de Bárbara, naqueles momentos, era como uma lâmina fina que o perfurasse e drenasse o foco inflamado. Não havia exagero nessa metáfora médica; era isso que ele sentia: dor e alívio ao mesmo tempo; a insegurança e o conforto. Deparar-se com a futilidade de seus grandes personagens era o que Bárbara provocava, bem ao contrário de Ana.

Ana não o via. Ou talvez fosse melhor dizer que ele não via esse olhar nela. Ana dispersava-se em outros mundos; Ana ligava a televisão; depois, dizia qualquer besteira; ria-se da própria piada; ignorava-o. Bárbara tinha outro jeito de se comportar diante das coisas. Suas palavras eram ditas no tom certo, na modulação exata e na pressão infalível ou infalável, ela uma vez havia definido. Ana protestaria, gritaria, então entraria em longos períodos de distanciamento, como se afundasse em um torpor de náufrago que se despreende da tábua, depois de horas grudadas nela. Bárbara não sucumbia sem lutar. Seu silêncio era um desafio. Prostrava-se diante dele e olhava-o nos olhos, emparedando-o. Ana era a certeza; Bárbara era o perigo. Entre as duas, ele não tinha dúvida sobre a que preferia.

3.

João está pensando. E no que ele pensa, exatamente? Ora, no que todos pensam quando refletem sobre esse tipo de coisa: amor, traição, banalidades. É assim que a coisa vem para João: confusa, desarticulada, imprevisível. Principalmente quando se trata dele e de Ana. Porque entre ele e Ana existe Bárbara. Porque entre ele e Bárbara existe Ana.

Sentado à mesa da sala, com as mãos nos olhos, ele não vê os prédios antigos da Comendador Araújo. João olha para dentro, articula, levanta hipóteses, tira conclusões. Entre todas, a que lhe parece mais importante neste momento é esta: isso é um paradoxo. Ou será esquizofrenia?

Eu sempre tive dúvidas.

Tinha certeza que não pensaria duas vezes quando encontrasse alguém como Bárbara.

Então encontrei Bárbara.

E não sei o que fazer com Ana, isto é, não sei o que fazer com Ana dentro de mim. De repente sinto vontade de voltar para ela e ficar apenas lá, com ela.

4.

João é um paradoxo. Ana é um paradoxo. E Bárbara, é o quê?

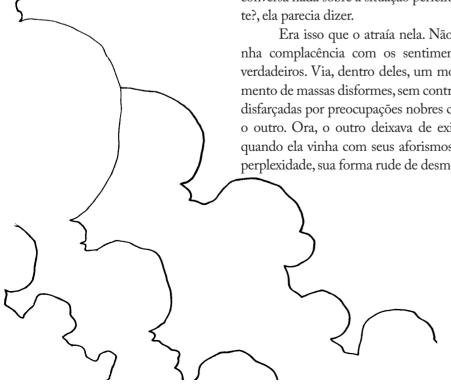
João despede-se de Bárbara. Sabe que é a última vez, mas não diz. Enquanto isso, Ana coloca água na panela grande. Ele que decida do que vai ser o macarrão, ela pensa. Depois disso, ligamos a Deutsche Welle e damos alguma risada. Daí então a gente vai dormir.

Quando conversam, à noite, João fala pela primeira vez na vontade de ter um filho.

> Olhando a Deutsche Welle. Fala assim, sem alterar o tom de voz. Ana vira o rosto para João. Ele não pode estar falando sério. Volta a olhar a Deutsche Welle. E volta a olhar para João Ele está falando sério. Sim, eu gostaria, ela diz. E talvez até com você. Se você me entende, claro. ■



também publicou as novelas Preponderância do pequeno e Cloaca. Nasceu e vive em Curitiba (PR)



POESIA Homero Gomes



A vereda se encheu de pedras

A vereda se encheu de pedras que brotavam no borbulhar dos pés.

As pedras cuspiam espinhos

— nuvem de dor ao redor da visão —,

a pele rasgou no caminho:

pedaços da história deixando marcas.

A vereda no meio das pedras.

Os olhos fecharam para supor destinos,

os dentes cravados nos lábios:

a voz e o grito presos dentro das pedras.

Os nervos endureceram espinhos.

A vereda borbulhou de pés.

Pegadas de dor sobre a vereda marcada de história.

Pois a vereda se encheu de espinhos.

Nos olhos cansados, a vereda de restos num campo de pedras.

A vereda se fez com pegadas que deixaram de borbulhar nos pés.

Homero Gomes nasceu em 1978. É escritor, editor e professor. Lançou recentemente, pela editora Patuá, o livro de poemas Solidão de Caronte. Vive em Curitiba (PR).

RETRATO DE UM ARTISTA F. SCOTT FITZGERALD

